

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA  
LICENCIANDA  
LEILA BORGES DA SILVA  
ETNIA  
Pataxó**

**HISTÓRIA DE VIDA DE MANOEL FERREIRA DA SILVA – CACIQUE  
TWYNDAYBA PATAXÓ – ALDEIA SEDE – CARMÉSIA/MG**

Trabalho de percurso apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Matemática.

Orientadora: Prof. Josiley Francisco de Souza.

**BELO HORIZONTE  
2022**

No aniversário de 85 anos eu perguntei meu avô qual era o segredo para viver tantos anos e ele respondeu: “É preciso ter muita sabedoria, paciência e respeito com o próximo”.

“A gente era simples, mas ninguém.... nunca fui no médico e quando ficava doente tomava remédio do mato. Não é igual esses povo de hoje que vive doente...”

Maria Lúcia (filha mais nova de Manoel Ferreira)

“Hoje o pessoal tem tudo e reclama! Naquele tempo a gente vivia assim, mas era feliz. Foi uma vida difícil... mas como diz? Boa ainda!”

Maria de Lourdes Borges (filha de Manoel Ferreira)

## Agradecimentos

À Niamissu (Deus), por permitir chegar até aqui me dando forças e por não me deixar desistir.

Aos meus pais, pelo apoio, em especial, a minha mãe, que sempre esteve presente me apoiando em tudo.

Às minhas irmãs, em especial a Lidiane, por cuidar do meu filho durante os dias em que estudava nos módulos.

À minha prima, Sheila, por me acompanhar no dia da prova do vestibular para cuidar do meu filho, na época, eu amamentava.

Às lideranças da minha aldeia, Mesaque e Xé, por apoiar e incentivar a nos capacitar.

Aos professores que ficaram dando aula no meu lugar nos meses em que iria estudar.

Ao meu avô, por me permitir escrever e contar um pouco da sua trajetória como liderança na aldeia Sede.

Aos professores e bolsistas ao longo do curso, por todo ensinamento e aprendizado.

Aos colegas de turma, pelos momentos, experiências e pela história que escrevemos ao longo do curso. Algumas amizades levarei para a vida.

Aos entrevistados que contribuíram para a elaboração do meu percurso.

Enfim, a todos que me apoiaram e ajudaram direta ou indiretamente a chegar na habitação em Matemática e concluir o curso.

Nitxi Awêry!

## **RESUMO**

O presente trabalho apresenta a trajetória de vida e luta da liderança Twyndayba Pataxó da Aldeia Sede, no município de Carmésia/MG. Através deste trabalho, irei abordar sobre a vida de Manoel Ferreira da Silva, Cacique Thyndayba, desde sua chegada em Minas Gerais com a família, o trabalho desenvolvido em comunidade, a atuação como liderança e na luta pelo bem do seu povo. Um exemplo a ser seguido por novas gerações. Mesmo com pouco estudo e muita sabedoria, Twyndayba liderou seu povo por vários anos, mostrando que o trabalho em grupo gera grandes benefícios e aprendizados. Tornou-se o primeiro vereador indígena do município por quatro mandatos seguidos. Um dos objetivos desta pesquisa é documentar a trajetória dessa liderança que foi tão importante para a aldeia Sede. O trabalho tem como finalidade registrar essa história e deixar uma cópia na escola da Aldeia para que todos possam ter acesso e conhecer a história de Twyndayba.

## SUMÁRIO

Quem eu sou .....	6
Introdução .....	10
A vida na Bahia: início da sua trajetória .....	11
Da Bahia para Minas Gerais .....	11
Quem é Manoel Ferreira da Silva – Thyndayba Pataxó.....	17
Breve relato do massacre do “Fogo de 51” .....	19
Fazenda Guarani, atualmente, aldeia Sede .....	21
Trabalhos desenvolvidos na aldeia sede pela liderança de twyndayba (Manoel Ferreira da Silva).....	28
Criação da Associação Comunitaria Pataxó Thyndayba .....	29
Implantação da piscicultura na aldeia Sede .....	38
Centro Cultural Thyndayba Pataxó.....	46
Início das aulas na Aldeia Sede e construção da Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá .....	50
Vida política: primeiro vereador indígena do município de Carmésia .....	55
Conclusão .....	63
Imagens e documentos da vida e o trabalho de Manoel Ferreira da Silva – Thyndayba Pataxó .....	64
Referências .....	106

## QUEM EU SOU

Meu nome é Leila Borges da Silva, meu nome indígena é Famikuã (na verdade, escreve-se *Tamikuã*), eu mesma escolhi esse nome na apostila de Patxohã do povo Pataxó. Ao nascer, meus pais não me deram um nome indígena e quando tive entendimento da importância do nome, eu mesma escolhi o meu. Esse erro de escrita foi na época que iniciou o processo de recuperação de palavras em Patxohã, todos me chamam de Famikuã, mas sabemos que o correto é *Tamikua*, que significa “estrela”.

Sou filha de Angela Margarete da Silva Borges e Ednaldo Borges da Silva, nascida e criada na aldeia Sede do povo Pataxó, localizada no município de Carmésia, Minas Gerais. Em 01/11/1985, numa sexta feira, nasci no município de Guanhães, cidade próxima da aldeia. Passei toda a minha infância na aldeia, onde aprendi os costumes e tradição Pataxó. Com 12 anos de idade, meus pais se separaram e fui morar em Belo Horizonte, com minha mãe e minhas irmãs. Lá morei por quase 10 anos, estudei e trabalhei. Após terminar o ensino médio, prestei vestibular na UNIVALE, em Governador Valadares, e comecei a fazer o curso de Turismo, onde permaneci até concluir o curso. Após formada, voltei para Belo Horizonte, morei por aproximadamente uns 4 anos e retornei para minha aldeia, onde moro até os dias atuais.

Trabalhei um período na Secretaria de Cultura, na prefeitura de Carmésia, e atualmente sou professora na Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá, na aldeia.

Em 2017, a escola da aldeia teve permissão para inserir o ensino médio na grade curricular da escola, e eu iniciei como professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio.

Em março descobri minha gravidez e, a partir daquele momento, já sabia que iria vivenciar as melhores experiências da minha vida, que é ser mãe, além do desafio, é claro.

No final de 2017, fiquei sabendo que o FIEI estava com vagas para capacitação em Matemática. Já tinha conhecimento dos cursos do FIEI e sempre fui admirada pelo que ouvia falar do curso, sobre os professores, o intercâmbio, as trocas de experiências e o convívio entre os parentes durante todo o curso. E senti vontade de vivenciar toda essa experiência que levarei para o resto da minha vida. Nessa oportunidade, fiz minha inscrição no curso do FIEI, com muito sacrifício, pois estava de resguardo do meu filho, Xohã Mirawê Borges Alves Pataxó. Devido à circunstância, fiquei meio receosa pelo fato de ter acabado de ser mãe, e já sabia que enfrentaria alguns obstáculos, mas fui persistente

e fiz minha inscrição confiante de que estaria na próxima turma da Matemática. Minha inscrição foi homologada e, em março de 2018, fiz a prova. Precisei levar meu filho e alguém para ficar com ele enquanto fazia a prova, pois eu amamentava, ele tinha apenas 4 meses. Ao saber do resultado, fiquei imensamente feliz por ser uma das classificadas para a habilitação em Matemática na UFMG.

Em 2018, entrei para o FIEI, onde tenho aprendido muito e também trocado conhecimentos e experiências com os colegas de turma e professores. Foram novos desafios e novas descobertas e aprendizados.

O curso de habilitação em Matemática vem me ajudado bastante em sala de aula, apesar de lecionar outra matéria, mas a base como formação para professora indígena tem me auxiliado a ser uma profissional melhor. Com a troca de experiências com os colegas que também são professores tenho me qualificado, o que ajuda bastante dentro da sala de aula com meus alunos. Muitas vezes já usei exemplos da minha turma na minha sala de aula e consegui desempenhar um bom papel com os meus alunos. O FIEI nos proporciona crescimento pessoal e profissional, eternizado na nossa vida, e repassar isso na minha escola é de extrema importância principalmente para os meus alunos.

Em meio a tantos desafios, existe o da maternidade solo, que aliada à vida de dona de casa, professora e, agora, aluna, é bastante desafiadora, porém, sei que irei colher frutos de toda essa dedicação e tenho como base de inspiração o meu filho, a quem desejo ensinar e deixar o melhor ensinamento possível.

No ano de 2020, veio essa pandemia que parou o mundo. Tivemos que nos adaptar a esse novo normal. Na minha aldeia, na minha família, tivemos que mudar tudo. Fiquei oito meses sem sair da aldeia, sem ver minha mãe, pois tinha muito medo por ela, por minha vó e meu filho, por toda aldeia. O medo, a confusão de tantas informações me deixava muito preocupada. Comecei a pesquisar e fiquei mais tranquila. Nossas aulas, antes presenciais, começaram a ser *online*, um novo aprendizado; insegurança, medo, entre outros.

Na nossa aldeia não nos reuníamos mais e não tivemos nossa festa tradicional e paramos de visitar nossos mais velhos. Isso mexeu demais com o nosso psicológico, tivemos que buscar outras alternativas, tanto para estar mais próximo quanto para reinventar e ficar em casa. Nosso costume de ir para a escola trabalhar todos os dias, fazer nossos rituais não era mais possível. Sempre gostei de ter horta em casa e comecei a me dedicar ainda mais. Tenho um pedacinho de terra, onde crio minhas galinhas e planto

mandioca, milho e feijão, e com a pandemia, deu tempo de me dedicar mais a essas atividades. Em todas o meu filho está presente comigo, meu companheiro para tudo.

Em 2021, com a chegada da vacina, ficamos mais aliviados, todas as pessoas da aldeia acima de 18 anos foram vacinadas. O primeiro caso de Covid 19 surgiu após um ano de pandemia e ainda assim ficamos bastantes assustados e com medo.

O mais difícil disso tudo é não poder estar em sala de aula com nossos alunos, sentimos muita falta, tivemos que elaborar PET's (Plano Estudo Tutorado) e entregar nas casas dos alunos. Não temos momentos culturais como antes, pois ainda temos medo. Como professora, sei da importância do professor e aluno em sala de aula, sei o quanto os alunos foram prejudicados com toda essa paralisação.

Mas temos o lado positivo, algumas famílias deixaram de fazer roças e, com essa pandemia, todos voltaram a essa prática. No período da pandemia, várias famílias conseguiram plantar e colher das suas roças, diante de todas as dificuldades ninguém passou necessidade, pois tinha o que colher.

Temos que apresentar um percurso no final do curso, eu escolhi falar da liderança de Manoel Pataxó (Txywundayba), meu avô, que foi o primeiro Pataxó a chegar na aldeia Sede. Ele chegou para o lugar onde escreveria sua história juntamente com seu povo, ou seja, deixaria um legado cheio de aprendizado e sabedoria para as futuras gerações. Fazer parte dessa família é um sinal de muito orgulho, ouvi as histórias de como tudo começou, de todas as dificuldades, conquistas; é muito enriquecedor como Pataxó e como ser humano. Desenvolver este trabalho e ouvir de quem viveu como foi toda essa trajetória de vida desse líder, cada documento, cada conversa com algum parente, cada foto, é reviver essa história como neta, e conhecer como realmente foi a caminhada do meu avô. Tudo o que ele fez, as renúncias que precisou fazer em nome do seu povo, tudo isso é gratificante ouvir. É também muito gratificante poder registrar para que aqueles que não tiveram oportunidade de conhecê-lo em vida possam conhecer a sua trajetória de vida. Sinto-me muito feliz em poder pesquisar e registrar sobre a vida de alguém tão importante na minha vida como da minha comunidade. Hoje chegamos onde estamos graças à luta dele com sua comunidade. O avanço veio dele e hoje ainda tentamos continuar a luta que ele nos deixou, e assim seremos e passaremos para nossos filhos.

Encontrei muitas dificuldades, pois ele tem 96 anos de idade e não se lembra de quase nada do que viveu devido ao estado de saúde. Ele já não reconhece mais as pessoas e nem os parentes, conversei com familiares, procurando documentos e etc.



Atualmente, vivemos uma outra realidade, hoje cuidamos de quem sempre cuidou de nós. Hoje, nós que estamos renunciando de algumas coisas para ficar com ele, para cuidar dele. Hoje a família se reúne para cuidar e estar próximo a ele que precisa de todos nós. A família enfrenta alguns desafios, mas sabemos que são necessários para o bem estar dele, para que realmente possa descansar. Agora vivemos das lembranças e dos aprendizados que ele irá nos deixar. Seguiremos todos os ensinamentos que ele nos passou enquanto estava lúcido e ativo. Ele sempre foi uma pessoa calma, nunca gostou de confusão, sempre soube resolver todas as coisas com sabedoria e muita paciência.

Sigo buscando informações e materiais que possam enriquecer o meu trabalho. A parte interessante da pesquisa é justamente aprender e, ao mesmo tempo, vivenciar tudo aquilo que ele fez durante toda a sua vida. A pesquisa me possibilita saber de muitas coisas que nem ao menos sabia que tinha acontecido na vida dele, por ser muito criança, e, principalmente, por ter algumas coisas de que ele não se lembra e não pode nos contar.

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema veio durante os estudos do módulo, quando a professora Vanessa Tomaz pediu que escolhêssemos um tema para nossa pesquisa de percurso. Naquele momento, eu sabia que queria falar sobre a vida de Manoel Ferreira da Silva – Thyndayba Pataxó –, meu avô. Ele foi o primeiro Pataxó a chegar na aldeia Sede, que na época tinha o nome de Fazenda Guarani, mais adiante explico o porquê. A pesquisa foi realizada na época da pandemia e a maioria das entrevistas foram realizadas via *Whatsapp*.

Para fazer a pesquisa, comecei a conversar com os mais velhos sobre a chegada à aldeia, conversei com meu pai e minhas tias que vieram junto com o meu avô. Fui até a casa do meu avô e olhei todos os documentos que ele sempre guardou em casa, de lá saiu a maior parte dos arquivos que serão apresentados neste trabalho.

Eu escolhi falar sobre ele devido a sua importância para a aldeia Sede, sobre a importância do seu cacicado e por ele ter sido o primeiro vereador indígena do município de Carmésia. A nova geração da aldeia sede precisa saber quem foi Manoel Ferreira, Cacique Thyndayba Pataxó.

Meu material de pesquisa foi caderno, lápis, caneta e o celular para registrar as entrevistas e fotos para enriquecer o trabalho. Fiz algumas pesquisas em *site* da internet. Pesquisei fotos e arquivos de jornais antigos sobre a liderança de Thyndayba Pataxó.

## A VIDA NA BAHIA: INÍCIO DA SUA TRAJETÓRIA

Manoel Ferreira se casou primeiro com Maria Borges e teve cinco filhos. O primeiro filho do casal foi José Carlos Borges da Silva, a segunda foi Maria Lourdes Borges da Silva, o terceiro foi Ednaldo Borges da Silva e a quarta filha foi Maria Lúcia Borges da Silva. Eles moravam na mata perto de Boca da Mata, na Bahia, onde viviam outros indígenas, e mesmo com tantas dificuldades, eles conseguiram criar seus filhos, pois Manoel trabalhava em uma fazenda para garantir o sustento de toda família. Eles não tinham muitas condições e sua esposa Maria costurava as roupas dos seus filhos que eram feitas de tecido de sacos de mantimentos. Os meninos foram crescendo e com uns 8 anos já iam para roça com seu pai, para aprender a trabalhar e caçar. Manoel sempre foi muito trabalhador e seus filhos também.

Conforme a entrevista feita com seus filhos, eles contam com detalhes como era a vida na Bahia. Caçavam, pescavam, desde cedo eles trabalhavam ajudando os pais.

☛ Acesse nos links abaixo as entrevistas com os filhos de Thyndayba Pataxó, em que falam sobre a vida da família:

- Ednaldo - <https://youtu.be/Kv07zOytrA0>
- Maria Lúcia - <https://youtu.be/E18ldvRyL4I>
- Maria de Lourdes (vida na Bahia): <https://youtu.be/yxHHdBM7f48>
- Maria de Lourdes (vida durante a infância): <https://youtu.be/x7wLY3PITaE>
- Maria de Lourdes (chegada à Fazenda Guarani): [https://youtu.be/OtwQ\\_LvQyLg](https://youtu.be/OtwQ_LvQyLg)
- Maria de Lourdes (aulas de Manoel): <https://youtu.be/THyg3ju6aaI>

### Da Bahia para Minas Gerais

Devido à vida na Bahia está meio difícil, eles resolveram ir para outro local, buscar outra terra, e foi assim que ele veio para Minas Gerais e iniciou sua trajetória em território mineiro. Ao chegar aqui, Maria (minha vó), sempre o ajudava nos trabalhos da roça com os filhos. Levantavam muito cedo, faziam café e farofa, e levavam para roça, pois só voltariam para casa no final da tarde, após concluírem os trabalhos.

## *Minha chegada em Minas Gerais*

*Eu, Manoel Ferreira da Silva, fui o primeiro índio pataxó a chegar aqui na Reserva Guarani com minha família filhos e noras no ano de 1975. Graças a Deus somos todos bem quisto aqui na região; a Reserva nem demarcada era.*

*Habitavam aqui os índios Krenak e Guaranis do Espírito Santo, em 1974 o Sebastião chegou em Governador Valadares para trabalhar em uma terra na região de Santa Paula em Gov. Valadares, que estava sendo negociada com a FUNAI para acatamento dos índios pataxó. Já estava tudo certo com a FUNAI e os índios já tinham plantado a terra de cereais, foi quando o Sebastião e seu irmão Valdivino que também trabalhava nessa fazenda juntamente com os outros índios.*

*Quando eles vieram para aqui, para o Guarani, como eram nossos conterrâneos da mesma tribo, sendo que o pai deles é primo do meu pai, e por ter morado já uns tempos juntamente conosco, chegando aqui, de parente deles que haviam aqui era eu e os meus filhos recebemos os como se fosse filhos em minha casa. Ficaram almoçando e jantando todos juntos como se fosse pai com filhos. Minhas filhas lavam, passavam roupas para eles e*

[Nesta imagem há fatos ocultados por ser segredo interno e não poder ser disponibilizado.]

melhor; plantando lavouras brancas, temos uma piscicultura com aproximadamente 12000 m2. No ano passado abatemos duas toneladas de peixes.

O meu grupo tem uma casa grande para trabalharmos com tecelagem, temos nossas casas arrumadas, dois prédios escolares muito bom e estamos desenvolvendo um projeto de apicultura juntamente com a EMATER, já estamos com o material todo comprado inclusive alguns membros da comunidade já fizeram o curso e eles praticamente não apresentam trabalho nenhum.

Senhores vejam quem é que tem merecimento de sair daqui; pois a família do Sebastião e do Valdivino chegaram aqui em dezembro de 1975 (duas famílias) e foram embora em 1980 devido o que fizeram com o meu filho e voltaram em 1986 foi onde começou a crescer o grupo deles.

e ue cheguei em 1975, já tem netos e bisnetos nascido aqui e nunca sair daqui juntamente com o meu grupo.

12/12/99

~~Manoel Ferreira da Silva Cacique Thyundayba~~  
Manoel Ferreira da Silva - Cacique Thyundayba

Daniel Ferreira da Silva (Puhut)

Guinaldo Loures da Silva. (Puhut)

Valdir Ferreira da Silva

José Ferreira da Silva

José Carlos Bango da Silva

6

Carta de declaração de Manoel Ferreira contando como foi sua chegada em Minas Gerais.

Em 1995, ele ficou viúvo. Os anos se passaram e uns 15 anos depois ele conheceu Maria Benedita, não tiveram filhos, vivem juntos há mais de 15 anos.



Manoel Ferreira ao lado da sua segunda esposa, D. Maria, com o cocar que usou durante todo o tempo em que foi cacique.

D. Maria, como todos a conhecem, foi um grande pilar na vida dele, ela trabalhou muito e dedicou a sua vida com ele a sua família. O carinho e respeito que todos têm por ela e sua história ao lado dele é incondicional. Aprendemos muita coisa com ela também. Ela o ajudou a continuar escrevendo a história dele.

D. Maria morou na Fazenda Guarani quando criança, trabalhou para o proprietário da fazenda, conhecido como Magalhães. Ela é lúcida com seus 96 anos e conta várias histórias da época, inclusive fala da chegada de Manoel e seus familiares na fazenda na década de 70. Ela conta também que com a chegada do Manoel, tinha outros indígenas

(Guarani e Krenak) ali, eles conviviam tranquilamente entre todos. D Maria é considerada da família, mesmo sendo apenas esposa do meu avô, todos a receberam bem na aldeia.

E ao lado dele, eles registraram a sua história como casal e pilar da família.

☛Entrevista com D. Maria: <https://youtu.be/dwMJpYYFSMI>

Atualmente, ele é o mais velho ancião do território Pataxó em Carmésia, Minas Gerais. Ele escreveu sua história e deixou exemplos de perseverança, luta e determinação e sabedoria para chegar aos 96 anos de vida.

No link abaixo há entrevista realizada em dezembro de 2018, feita por Mayra Lemos, quando ele ainda estava lúcido. Ele fala sobre o significado do no nome Pataxó, e sobre o casamento Pataxó.

☛Entrevista com Thyndayba Pataxó, feita por Mayra Lemos:

<https://www.youtube.com/watch?v=XJg5ohLILF0>

Estamos vivendo tempos difíceis, pandemia, governo anti-indígena e ainda tempos muita luta pela frente, o povo Pataxó é um povo de luta, povo guerreiro. Somos Resistencia!

## **Biografia de Twyndayba Pataxó**

Nome: Manoel Ferreira da Silva.

Data de nascimento: 21/05/1926.

Povo: Pataxó.

Pais: João Mariano Ferreira e Lindonesa Ferreira da Silva.

Avós maternos: José Cipriano da Silva e Francisca Ferreira da Silva.

Avós paternos: Antonio Mariano Ferreira e Ligidina Maria da Conceição.

Irmãos: Alcides, José Mariano, Valdir, Osvaldo, Valdemir, Antônio, Maria José, Maria d'Ajuda, Julieta, Conceição e Lurdite.

Primeira esposa: Maria Borges da Silva.

Filhos: Jose Carlos Borges da Silva (*in memorian*), Maria de Lourdes Borges da Silva, Ednaldo Borges da Silva , Maria Lucia Borges Da Silva.

Segunda esposa: Maria Benedita.

Netos: Sandra, Alex, Alexandre, Aminoaré, Kaywnara, Marcos Antonio, Adalton, Edilza, Lidiane, Leila, Thayná, Luana, Adriano, Vitoria, Cassiano, Geane, Girlan, Girinaldo Givone, Ziziane.

Bisnetos: Keyla, Sheila, Haiwan, Wehã Anehê, Menaryã, Andressa, Alex Junior, Wekanã, Nehoyñã, Estevão, Thayla, Manuella, Julia Txahá, Lucas Fernandes, Alice, Xohã Mirawê, Juliana, Savio, Junior, Jaciara, Fabricio, Itahwanã, Evelyn, Acsa.

Tataranetos: Sophia Awêhany, Edgar Nionehô, Nayhê, Akayê, mais dois a caminho.

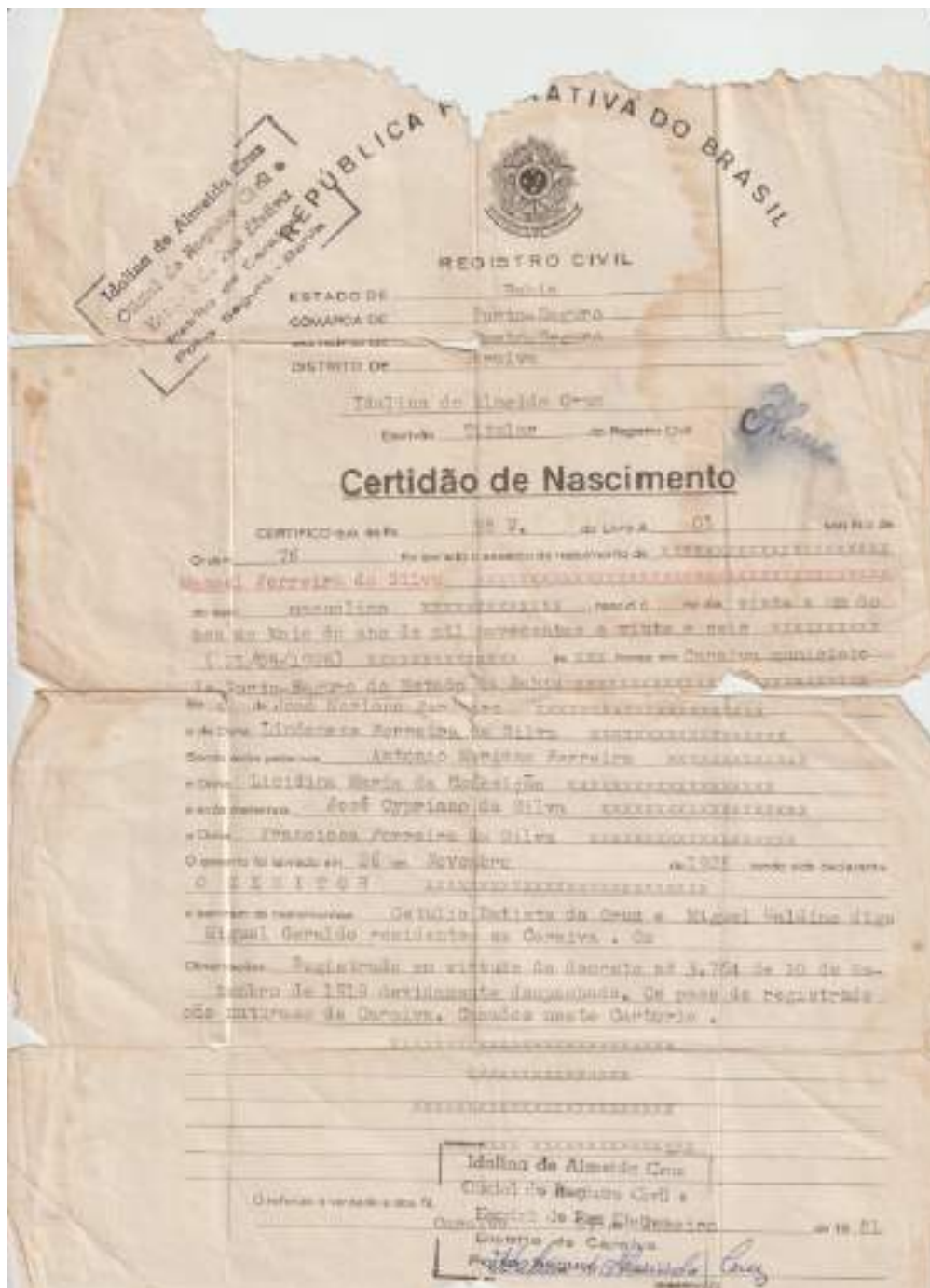


## **QUEM É MANOEL FERREIRA DA SILVA – THYNDAYBA PATAXÓ**

O trabalho do meu percurso é sobre a vida e a liderança de Manoel Ferreira da Silva, conhecido como Twyndayba Pataxó, nome indígena que significa “pescador” na língua Pataxó. Esse nome foi dado a ele pelo seu pai, João Mariano. Nasceu no dia 21 de maio de 1926, em Caraíva, no município de Porto Seguro, Bahia. Ele é filho de João Mariano Ferreira da Silva e Lindonesa Ferreira da Silva.



João Mariano, pai de Manoel Ferreira.



Certidão de nascimento de Manoel Ferreira da Silva – Twyndayba Pataxó.

Toda a sua infância ele viveu no mato da aldeia de Boca da Mata, ali cresceu com seus pais e seus irmãos: Alcides, José Mariano, Valdir, Osvaldo, Valdemir, Antônio, Maria José, Maria d’Ajuda, Julieta, Conceição e Lurdite. Desde criança, todos eles já trabalhavam na roça ajudando o pai. À noite, a família sempre se reunia para contar como foi o dia e contar histórias e ensinamentos que os pais repassavam para seus filhos. Na

Bahia, Manoel aprendeu com os pais a trabalhar em roças, ele plantava milho, feijão, mandioca entre outros com a esposa, filhos e irmãos. A vida naquela época não era nada fácil, muitas vezes passavam dificuldades, mas toda a família era muito trabalhadora e fazia suas roças, tinha suas galinhas, criava porcos, fazia artesanatos e ainda trabalhava nas fazendas localizadas perto de casa.

Com mais ou menos uns 12 anos de idade, ele foi morar em Salvador com os padrinhos para estudar. Já que na aldeia não tinha escola e por ser o mais velho da família, os pais acharam interessante ele estudar e depois ensinar para os irmãos. Na época, ele estudou até a 4ª série. Anos depois, ao voltar para a aldeia, ele ensinou todos os irmãos a ler e escrever. Viveram toda sua infância e juventude na aldeia em Boca da Mata.

Quando aconteceu o Fogo de 51, Manoel estava com aproximadamente 25 anos de idade. Como eles moravam afastados, dentro da mata, não sofreram como os parentes Pataxó, que foram agredidos, massacrados, mulheres foram estupradas e muitos perderam suas vidas. Ao saber do que aconteceu, Manoel e os demais pediram aos seus filhos para pararem de dizer que eram indígenas, pois tinham muito medo do que poderia acontecer com eles.

### **Breve relato do massacre do “Fogo de 51”**

Em 1951, houve o Fogo de 51, acontecendo um massacre do povo Pataxó, todos ficaram bastante assustados e temiam a própria vida. No momento em que aconteceu o Fogo de 51, ele e seus pais estavam mais afastados da aldeia, estavam no mato e não foram atacados nem agredidos. Mas, ao saber o que havia acontecido com os Pataxó, todos ficaram assustados e tinham muito medo de dizer que eram indígenas, mas continuaram mais um tempo na região. Em consequência desses fatos históricos, caracterizado pela ação violenta da polícia baiana, houve a desarticulação das aldeias, com a dispersão do povo Pataxó, como forma de promover ocupação civilizada na região de Porto Seguro. Houve também a transformação de 200 hectares de seu território em parque nacional, o Parque Nacional do Monte Pascoal, criado em 1943, e tendo sua área limítrofe oficialmente demarcada no ano de 1961, reduzindo o território tradicional Pataxó em 23.000 hectares.

Em Boca da Mata, Twyndayba Pataxó se casou com sua esposa Maria Borges da Silva, com quem teve quatro filhos. São eles: José Carlos Borges da Silva, Maria de Lourdes Borges da Silva, Ednaldo Borges da Silva e Maria Lucia Borges da Silva. Nesse

período, ainda moravam em Boca da Mata. Viveram lá até os filhos ficarem rapazes e moças.



Foto da família de Manoel Ferreira com esposa e filhos. Essa foi a única foto encontrada nos arquivos pessoais.

Twyndayba ficou sabendo que em Minas Gerais existia uma terra da Funai e pediu autorização para vir com sua família, autorização esta que foi concedida pela Funai. Na década de 70, ele veio com seus quatro filhos e uma nora, seu irmão Osvaldo, com a esposa e os filhos.

Chegando aqui na Fazenda Guarani, já tinha alguns indígenas Guarani e Krenak, até mesmo porque aqui funcionava um presídio indígena. A fazenda Guarani está localizada no município de Carmésia, Minas Gerias.

## **Fazenda Guarani, atualmente, aldeia Sede**

Anteriormente, esta área era administrada por seu proprietário, Coronel José Ribeiro Pereira de Magalhães, conhecida como colônia agrícola, porque quase tudo que existia na agricultura era produzido na fazenda, que foi a maior colônia produtiva da região no estado de Minas Gerais. Essa área foi administrada pelo Coronel José Ribeiro Pereira de Magalhães até o ano em que ele adoeceu e veio falecer. Por ser viúvo e não haver herdeiros, a terra foi doada para o Estado, passando a ser administrada por militares, que deram prosseguimento com a agricultura.

Nessa mesma época, foi criado o Reformatório Indígena de Carmésia, no governo estadual de Rondon Pacheco, sob a administração do Capitão Manoel Pinheiro da Polícia Militar. Assim, os indígenas que desrespeitassem seus líderes eram considerados antissociais e eram levados para lá para serem penalizados.

O presídio mantinha indígenas presos, que eram aqueles considerados rebeldes e que desrespeitavam seus líderes, ou até mesmo aqueles que cometiam algum crime. Eles eram retirados de suas aldeias e levados para o presídio indígena, na Fazenda Guarani. Ali, muitos deles foram torturados e até mortos. Quando a “pena” era cumprida, os indígenas eram levados de volta para a aldeia à qual pertenciam.

Vários relatos mostram que os próprios indígenas eram treinados para fazer esse processo de adaptação dos tais “índios rebeldes”.

Nesse mesmo período, um grupo Guarani foi retirado de suas terras no Espírito Santo e levados para a Fazenda Guarani. Mas como eles são originários de região litoral, não se adaptaram e foram levados para o litoral da Bahia, área do território Pataxó. Ao final deste trabalho, são apresentadas matérias de jornal sobre essa mudança do povo Guarani.

Alguns Krenak também estavam na Fazenda Guarani, devido ao conflito com fazendeiros eles foram para a Fazenda Guarani. Alguns estavam presos e a família conseguiu chegar até a fazenda para ficar mais próximo do parente. Além de Guarani e Krenak, alguns indígenas de outras etnias também ficaram presos no reformatório indígena, sendo eles: Terena, Xavante, Sateré Mawe entre outros.

Até o ano de 1972 a fazenda foi utilizada como um campo de treinamento de guerrilha, a partir desta data o estado doou a fazenda para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Foi nesse período que Twyndayba chegou à Fazenda Guarani, que hoje é a aldeia Sede.

Quando Twyndayba chegou à Fazenda Guarani, ainda havia algumas famílias Guarani e Krenak vivendo ali. Com isso, fizeram amizades e Twyndayba até se tornou padrinho de um dos filhos de Manelão Krenak.

Em 1972, os Krenak resolveram voltar para sua terra em Resplendor, e ali decidiram que ficariam até a morte. Não foi fácil, pois viviam sem moradia, à beira do Rio Doce, só não passavam fome, pois viviam da pesca dos peixes do rio.

Mesmo com muitas dificuldades enfrentadas, principalmente pelo clima ser totalmente diferente do da Bahia, eles conseguiram fazer suas roças, já que a terra sempre foi bastante produtiva, e assim conseguiram colher uma parte para consumo e outra parte eles vendiam nas cidades vizinhas.

Em 1984, eles pediram que a terra fosse demarcada.

Em 1986, mais dois irmãos de Manoel, Alcides e Valdivio, vieram da Bahia para Minas. Dessa vez, veio um grupo grande para a Aldeia Sede: irmãos, esposas, filhos casados e netos.

Com um grupo maior de pessoas, eles começaram a fazer seus rituais, inclusive o Awê, que hoje é nosso Awê Heruê Hú Niamissù.

Em 1988, a terra Pataxó foi demarcada e homologada por Fernando Collor de Melo, então Presidente da República. Uma área de 3.279 hectares foi denominada “Terra Indígena Guarani”, onde hoje habitam 280 pessoas, em quase sua totalidade da etnia Pataxó, com cerca de 52 famílias, preservando uma cultura milenar. Cada família tem suas atividades e costumes e, por unanimidade, agricultura, avicultura e venda de artesanato.



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
Ministério do Meio Ambiente

COORDENADORIA DE ASSUNTOS FUNDACIONAIS  
DIVISÃO DE DEMARCAÇÃO E FISCALIZAÇÃO

MEMORIAL DESCRITIVO DE DEMARCAÇÃO

DESCRIÇÃO  
ÁREA INDÍGENA FAZENDA GUARANI

ALDEIAS INTEGRANTES  
Guarani

GRUPO INDÍGENA  
Guarani

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO : Carabala, Sra do Porto e Barco de Guanhães ESTADO : Minas Gerais  
QUER : 24 ADP : U. Volante

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMO	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	17 00'29.0" S	43 07'00.4" W
LESTE	17 01'46.9" S	43 06'05.9" W
SUL	17 04'16.0" S	43 06'57.1" W
OCIDENTE	17 02'51.5" S	43 09'26.9" W

PERÍMETRO  
2.498

BASE CARTOGRÁFICA  
ESCALA 1/100.000  
DATUM 1956  
ANO 1977

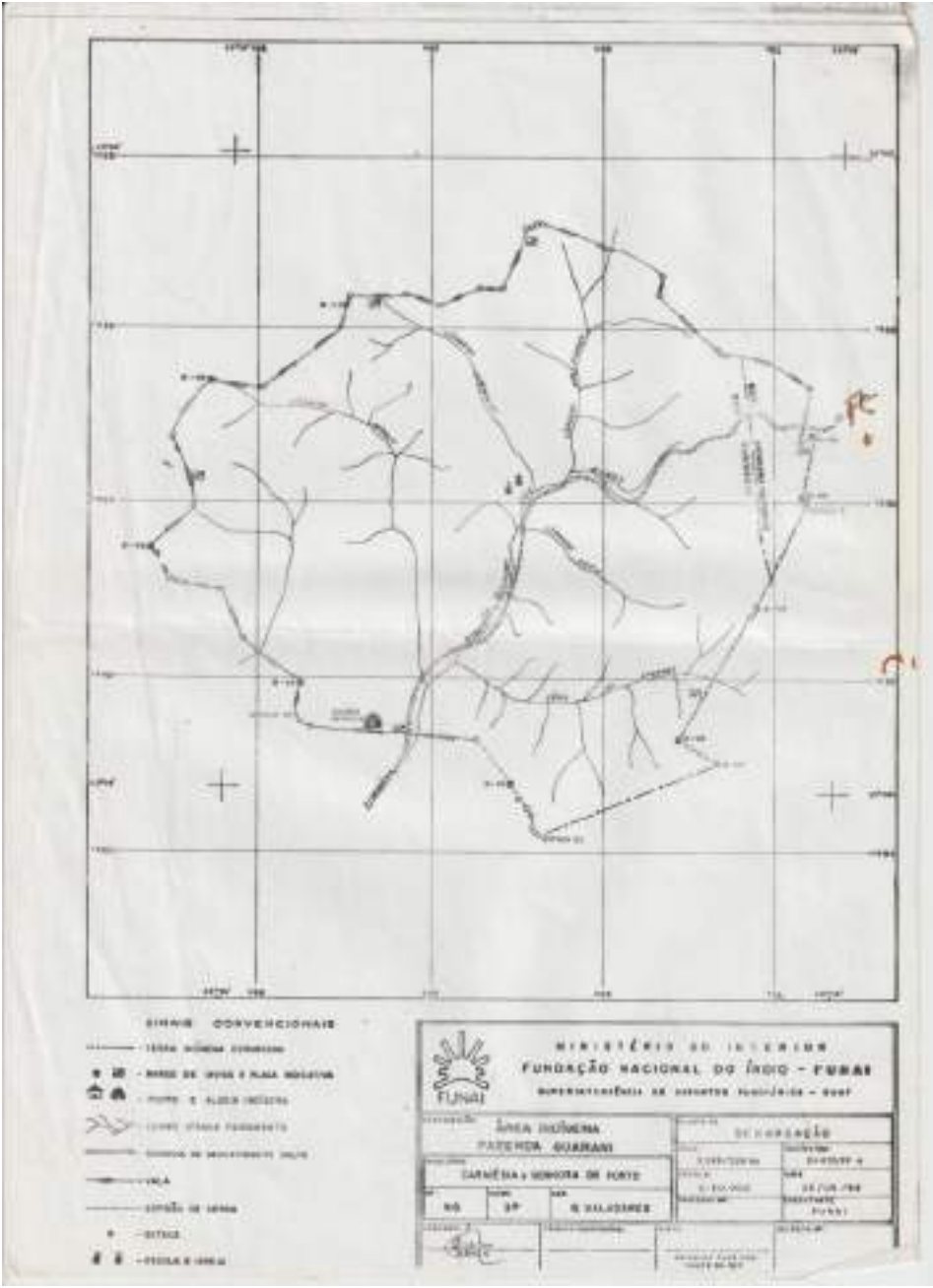
DIMENSÕES

ÁREA : 2.269.7126 Ha (três mil, duzentos e sessenta e nove hectares, setenta e um arcs e vinte e seis centiares)

PERÍMETRO : 24.495,98 metros.

*[Handwritten signature]*

Memorial descritivo da Funai do documento da terra.



Mapa do território Pataxó, Área Indígena Fazenda Guarani.



O governo de Minas Gerais, na década de 1980, doou a Fazenda Guarani para os índios Pataxós, e na década de 1990 a terra foi demarcada como Área Indígena Pataxó.

A Aldeia Indígena Pataxó está localizada no município de Carmésia, em Minas Gerais, na mesorregião do Vale do Rio Doce e na microrregião de Guanhães, possuindo uma população de 2.660 habitantes (IBGE, 2021).

O povo Pataxó é originário do Sul da Bahia, residem na Fazenda Guarani desde a década de 70, próximo ao município de Carmésia, que conta com uma população de aproximadamente 400 índios (CEDEDES, 2020). O povo vive em uma reserva de 3.270 hectares de terra demarcada pela FUNAI. Como já foi informado anteriormente, a renda é baseada no cultivo de lavoura de subsistência e venda de artesanatos, mantendo a cultura como seus ancestrais, através da pintura corporal, danças, músicas e rituais. Atualmente, muitos indígenas trabalham na escola, na área da saúde e no município.

Chegando aqui, a vida de Twyndayba e sua família não foi fácil, mas como já eram acostumados a trabalhar com roças, e a terra era excelente, começaram então a fazer o plantio de roças, cultivando milho, mandioca, banana, feijão, arroz. Eles produziam bastante, uma parte era para consumo e outra vendiam na cidade. Todos os dias pela manhã, ele e sua família iam para a roça e só voltavam à tarde, depois de um dia de muito trabalho.

☛ Acesse no link abaixo entrevista com Maria de Lourdes sobre a vida durante a infância:

<https://youtu.be/x7wLY3PITaE>



Foto da roça, 1982.



Foto de Twyndayba após pegar caça no mato, no ano de 1984. Ao lado, foto de 1999 de Twyndayba fazendo a limpeza da cabana.

A vida em Minas Gerais era bem diferente, a começar pelo clima frio, foi muito difícil acostumar com o clima.

Anos mais tarde, vieram os outros irmãos do Twyndayba com as esposas e filhos. Anos mais tarde, vieram outros Pataxó, como Sebastião Alves, José Terencio e Valdivio, todos Pataxó que viviam na Aldeia Mãe em Barra Velha. Eles vieram com suas esposas e filhos, gerando um número representativo de Pataxó em Minas Gerais. Com o aumento do número de Pataxó na Aldeia Sede, o território acabou ficando pequeno e os demais foram se espalhando pelo território e se organizando com seus grupos. Atualmente, no território existem quatro aldeias: Aldeia Sede, Aldeia Encontro das Águas, Aldeia Imbirucú e Aldeia Kanã Mihay. Cada comunidade tem seu cacique. Conforme o tempo ia passando, mais indígenas iam chegando. Até os dias atuais alguns Pataxó vivem entre as aldeias da Bahia e Minas Gerais, essa ida e vinda acontece muito dentro do território em Minas Gerais.

## **TRABALHOS DESENVOLVIDOS NA ALDEIA SEDE PELA LIDERANÇA DE TWYNDAYBA (MANOEL FERREIRA DA SILVA)**

Manoel e sua família sempre foram muito trabalhadores, sempre faziam suas roças e com isso ajudavam dando alimentação a parentes que iam chegando. Além de alimentação, forneciam até roupas e calçados, já que tudo era mais difícil naquela época. Com a chegada dos demais parentes, Manoel, que já fazia sua luta em busca dos direitos sozinho, ganhou aliados e forças para dar continuidade à luta pela demarcação da terra na Fazenda Guarani. Ele conversava com a Funai e com órgãos e entidades relacionadas aos povos indígenas. Ele viajava muito para Belo Horizonte, participando de reuniões na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, foi diversas vezes a Brasília, conversava com representantes políticos.

Todas as viagens eram muito difíceis, na maioria das vezes não tinham dinheiro para ficar em hotel e nem se alimentar. Eles sempre carregavam nas viagens farinha para comer e muitas vezes ganhavam pão, por muitas vezes, essa era a alimentação durante todo o período da viagem. O Pataxó sempre foi um povo muito guerreiro, forte, e que nunca desiste. Com as lideranças não foi diferente, mesmo passando momentos difíceis todos se mantinham fortes na luta. Ao lado de outras lideranças de Minas Gerais, lutaram em busca dos seus direitos.

Twyndayba sempre que viajava para essas reuniões, ao retornar para a aldeia, reunia seu povo e transmitia a eles tudo que foi repassado e falado nessas reuniões, na maioria das vezes as decisões eram tomadas em comum acordo com a comunidade, ele era o cacique e porta voz da Aldeia Sede.

A demarcação do território foi muito importante para o povo Pataxó, com ela foi possível se organizar e dar continuidade aos trabalhos já desenvolvidos pela comunidade. Com a sensação de que poderiam permanecer naquela terra, eles deram continuidade aos trabalhos que eram feitos em comunidade e mutirões (faziam mutirões para construção de casas e roças).

Sob a liderança de Twyndayba foram desenvolvidos vários projetos comunitários, como Horta Comunitária, Casa de Tear, Tanque de Peixes e Piscicultura.

Na Horta Comunitária participavam todas as famílias, cada membro da família dedicava um dia ou mais de trabalho, desde a construção até a manutenção da horta.

Na Casa de Tear só participavam 12 famílias, lá fizeram curso de tecelagem oferecido pelo Senar em parceria com a Emater. Os próprios indígenas começaram a tecer bolsas e tapetes.

### **Criação da Associação Comunitaria Pataxó Thyndayba**

Em 1991, a comunidade se reuniu e resolveu criar a Associação Comunitária Pataxó Twyndayba, para conseguir acessar recursos e dar continuidade aos trabalhos já realizados. Através da Associação, em parceria com CIME, Pro-Renda Rural, FUNAI e Assembleia Legislativa de Minas Gerais, foram desenvolvidos projetos de trabalho com apicultura e piscicultura, tiveram apoio financeiro da prefeitura e outros órgãos. Esses projetos beneficiavam em média quarenta famílias.

Nessa mesma época, doze famílias desenvolviam um trabalho de tecelagem.

A liderança de Manoel era baseada no coletivo, no desenvolvimento e crescimento da sua comunidade. Cada família com seus membros tinha envolvimento em todos os trabalhos comunitários e cada um tinha a sua responsabilidade e participação.

ATA DE FUNDAÇÃO, APROVAÇÃO DOS ESTATUTOS, ELEIÇÃO E POSSE DA PRIMEIRA  
DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA PATAXÓ THYNDAYBA - ACIP  
MINAS GERAIS

Aos dez dias do mês de janeiro de um mil novecentos e noventa e dois (10/01/1992)  
às oito horas da manhã, na sede do Posto Indígena Guaraná, município de Carmésia,  
Minas Gerais, foi realizada uma Assembleia com a presença de lideranças e das famí-  
lias do grupo do cacique Nancel Ferreira da Silva - Thyndayba -, com a finalidade  
de discutir propostas para a criação de uma Associação Comunitária. Após vários deba-  
tes e discussões das propostas apresentadas pelas lideranças e membros da comunidade,  
foi aprovada a criação da Associação Comunitária Indígena Pataxó Thyndayba - ACIP-,  
com sede no Posto Indígena Guaraná. Por unanimidade, ficou aprovado os seus estatutos  
nêle constando itens que regulamentam todas as atividades e proceções de acordo com as  
leis vigentes. Na mesma reunião, foram eleitos e empossados os membros de sua primeira  
Diretoria assim constituída:

Presidente	:	MANOEL FERREIRA DA SILVA
Secretária	:	CLEONICE MARIA DA SILVA
Tesoureiro	:	ÍRENE MARGARETE DA SILVA ROBERT
Conselho Fiscal	:	ALCIDES FERREIRA DA SILVA
Conselho Fiscal	:	TOMÁS FERREIRA DA SILVA
Conselho Fiscal	:	ANTONIO ARANJO DA SILVA

Também na mesma reunião, o presidente eleito, comunicou na presença de todos que enquen-  
to a Associação não tiver 200 (duzentos) sócios regularmente admitidos, será responsá-  
vel a Assembleia Geral pelo Conselho Deliberativo, até que este estabeleça, de acordo  
com a disposição contida na Lei de N° 6.251 e no Decreto de n° 80.228 - artigo 110 pa-  
rágrafo 5°. Terminados os trabalhos, o novo presidente agradeceu a presença de todos,  
expôs seus planos de trabalho e a seguir deu por encerrada a reunião.

Posto Indígena Guaraná, 10 de Janeiro de 1992.

Ata da reunião de criação da Associação.

Com a criação da Associação Comunitária Indígena Pataxó Thyndayba e com  
o regimento aprovado, eles poderiam começar a solicitar recursos financeiros para dar  
continuidade aos trabalhos.

FIM GUARANT

12/02/93

RELATÓRIO DA 1ª REUNIÃO DA DIRETORIA DA ACIP

A diretoria da Associação Comunitária Indígena Pataré Tayundayba - ACIP, foi convocada a se reunir dia 12 de Fevereiro de 1993, às 13 horas, pelo presidente da mesma, o cacique Manoel Tayundayba.

A reunião teve como objetivo o esclarecimento de alguns assuntos referentes aos trabalhos da ACIP, bem como as viagens que o presidente vem fazendo a fim de conseguir recursos para os trabalhos que a comunidade pretende fazer no decorrer deste ano de 93.

O cacique Manoel Tayundayba, realizou várias viagens a capital de Belo Horizonte, a cidade de Guanabara e Ferras com a finalidade de legalizar a documentação da ACIP. Toda documentação já se encontra legalizada e em mãos do presidente: registros, CUCQ e outros.

O presidente da Associação foi a várias secretarias buscando orientações e fazendo propostas de projetos para a comunidade. As dificuldades foram muitas: falta de recursos para viagens, alimentação, etc.

Foram repassadas informações importantes, como a existência de uma regional em Timóteo/MG, em caso de aquisição de projetos. Foi também proposta a aquisição de sementes para plantio, cesta básica para os trabalhos das roças.

Foram levantadas propostas para a questão de criação de peixes e ferramentas. Haverá que procurar outros setores.

Projetos já encaminhados: - sementes de feijão  
- cesta básica  
- cobertores  
- material escolar

Projetos que ficaram para serem vistos: - corte e costura  
- ferramentas  
- criação de peixe

Na primeira reunião da diretoria da associação foram levantados assuntos importantes: desenvolvimento da ACIP, relação dos projetos encaminhados que estavam aguardando respostas e dos projetos que gostariam de desenvolver.



ATA DE REUNIÃO

AOs VINTE E DOIS DE OUTUBRO DE 1993, ÀS 17:00 HORAS, FOI REALIZADA UMA REUNIÃO NA CASA DO CACIQUE MASORÉ FERREIRA THUNDAYRA, COM A FINALIDADE DE DISCUTIR UM PROJETO PARA A PRODUÇÃO DE MORTALIÇAS. OS MEMBROS DA COMUNIDADE QUESTIONARAM A FALTA DE VERDURAS E LEGUMES NA COMPLEMENTAÇÃO ALIMENTAR. LEVANTARAM A NECESSIDADE URGENTE DE SE FAZER UMA HORTA COMUNITÁRIA COM A PARTICIPAÇÃO DE TODAS AS FAMÍLIAS DA ACIP - ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA PATAZÉ THUNDAYRA. AS MÃES, OBSERVARAM QUE HÁ CARÊNCIA ALIMENTAR, PRINCIPALMENTE DAS CRIANÇAS. APÓS ALGUMAS REFLEXÕES E DISCUSSÕES, TODOS APROVARAM OS TRABALHOS E SE COMPROMETERAM EM DESENVOLVER AS ATIVIDADES NECESSÁRIAS PARA A CRIAÇÃO DA HORTA COMUNITÁRIA. O CACIQUE THUNDAYRA SE COMPROMETEU EM BUSCAR RECURSOS PARA AJUDAR NOS TRABALHOS. NÃO TENDO MAIS NADA A SER TRATADO, A REUNIÃO TERMINOU ÀS 19:00 HORAS COM O ENCERRAMENTO DA PRESENTE ATA.

POSTO INDÍGENA GUARANY 22 DE OUTUBRO DE 1993.



Foi através da Associação que o trabalho da horta comunitária aconteceu na Aldeia Sede, todos estavam envolvidos, até as crianças participavam do processo de plantio, rega e colheita dos frutos .



Fotos da horta.

Nesse mesmo período, ao lado da casa do cacique Thyndayba, havia uma farinha para fazer farinha, já que existiam muitas roças de mandioca. Sendo um dos principais alimentos do povo Pataxó, a farinha não podia faltar.

Na farinha, as famílias se juntavam e dividiam os trabalhos. Os homens iam para a roça buscar as mandiocas e as mulheres e crianças ficavam na farinha para descascar, ralar, prensar a mandioca e torrar. Eram momentos muito ricos de conhecimento, pois ali eles conversavam sobre tudo, sobre projetos que estavam conseguindo realizar, projetos sonhados, contavam histórias do tempo em que viviam na Bahia, falavam da saudade que sentiam de viver próximo da praia e comer peixe da água salgada. Sempre ao realizar esses trabalhos, as crianças estavam perto brincando, observando os maiores trabalhando e ajudando os pais. Ali eram repassados os ensinamentos que anos mais tarde seriam repassados para uma nova geração .

A farinha produzida ali era dividida da seguinte maneira: um litro para cada família e o que restava era vendido na cidade e dentro da aldeia.

Todas as divisões de alimentos ou doações eram feitas em partes iguais entre as famílias. Thyndayba tinha essa regra.

**I ENCONTRO ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE**  
 PRESIDENTES • VICE-PRESIDENTES • VEREDADORES • CONSELHEIROS DO COMISSÃO E COMISSÃO

*Nota das vendas vendidas em 3/4/75*

Xafalme	15 L	Pa - 1	2000
Lomba	7 L	Pa - 1	1000
Pactinho	5 L	Pa - 1	1000
Detalina Cruz	2 L	Pa - 1	1000
Chaze	5 L	Pa - 1	1000
Xerinha	1 L	Pa - 1	1000
Branquinho	5 L	Pa - 1	1000

19 DE 19 DE JANEIRO DE 2002

Logos: FMM, OBRAS, and others.

Registro de venda de farinha.



Criança Pataxó ralando mandioca para fazer farinha.



Apoiadoras da causa indígena ajudando a descascar e ralar mandioca.



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS  
SECRETARIA DE ESTADO DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL

Belo Horizonte, 08 de outubro de 1953.

OP/SF/W.

Senhoria( Presidental),

Comunicamos a V.Sa., a liberação da importância de  
Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros reais),

para SECRETARIA DE ESTADO DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL através de  
Ordem de Pagamento emitida em 05/10/53 para o BANCO BRASIL

AGENCIA GUARAPUAVAS referente ao CONVÊNIO

№ 454 / 53 OU TA..... firmado com essa ENTIDADE em  
05 / 10 / 53

Para a aplicação dos recursos, devem ser seguidas  
atentamente as seguintes recomendações:

- 1 - Conhecimento de todas as cláusulas do Convênio
- 2 - Verificação do objetivo e a vigência do Convênio (cláusulas  
1a., 2a., e 7a.), antes de realizar as despesas.
- 3 - Observação das instruções para aplicação dos recursos e  
prestação de contas (anexo)
- 4 - Realização da prestação de Contas no prazo máximo de 10 (DEZ)  
dias após o vencimento do Convênio, à REGIONAL de GOVERNADOR  
VALADARES ou para a SEDE DESTA SECRETARIA.
- 5 - Qualquer esclarecimento entrar em contato com a REGIONAL ou  
a SEDE DA SECRETARIA pelo telefone (021) 335-5699 - ramal  
2850 ou 2854.

Atenciosamente,

*Adailton Vieira Pereira*  
ADAILTON VIEIRA PEREIRA

DIRETOR DA SUPERINTENDÊNCIA DE FINANÇAS

Ilmo.(s) Sr.(s).

Nunoel Ferreira da Silva

Pres. Assoc. Comit. Indígena Patxó Thymáya

CANÉSIA - MG

SFes-OP

Documento de liberação de recurso para a Associação.



## **Implantação da piscicultura na aldeia Sede**

Como é de conhecimento de todos, a base da alimentação Pataxó é o peixe, por ser um povo de área litoral, o consumo de peixe do mar era cotidiano. Na fazenda Guarani não tem rio, mas tinha riachos e ali os Pataxó pescavam pequenos peixinhos, principalmente as crianças que passavam horas dentro dos riachos. Com a necessidade de se alimentar de peixes, os Pataxó, através da Associação Comunitária Indígena Thyndayba, em parceria com a Emater, fizeram o projeto de piscicultura para criação de peixes na Aldeia Sede. Houve parceria com a prefeitura de Carmésia para fazer os tanques de peixes. Num primeiro momento, os homens trabalharam em mutirão para limpar e roçar o local onde seriam os tanques. Naquele momento, o povo Pataxó estava cada dia mais empenhado e em busca de outros trabalhos para desenvolver na comunidade.



Fotos dos tanques de peixe, 1997.

Com muita luta, depois de muitos anos tentando conseguir o projeto de piscicultura, em 1997 eles conseguiram implementar o projeto tão sonhado.

P\_R\_O\_J\_E\_T\_O\_D\_E\_F\_I\_S\_C\_U\_L\_T\_U\_R\_A\_C\_O\_M\_U\_N\_I\_D\_A\_D\_A

F\_A\_I\_A\_X\_Ô

A Comunidade indígena Pataxô, composta por 16 (dezesseis) famílias, oriundas do sul da Bahia, (Aldeia Barra Velha), hoje reside na Fazenda Guarani no Município de Caracás/MS, ocupando uma área de 3.278 ha. // sendo que nesta área, não existe rios e sim alguns córregos e nascentes.

Devido a falta de peixes na reserva, a Comunidade decidiu, criar/ o peixe em cativeiro (piscicultura). Porém no momento a Comunidade /// encontra-se sem recursos para a complementação deste projeto.

Fin. Guarani, 16 de Junho de 1997

Documento para o projeto de criação de peixes



Catálogo do curso de piscicultura feito por alguns indígenas para desenvolver o projeto de criação de peixes.





Foto de quando estavam retirando os peixes para consumo e venda.

1. Novembro - 24

1 Kg Zilda	5,00	py	Zica	5,00
4 Kg Tainha	20,00	py	Nega	8,75
2 Kg Piulo	10,00	py	Artilho	5,00
<del>1 Kg Zilda</del>	<del>5,00</del>	<del>py</del>	<del>19 Siraca</del>	<del>5,00</del>
<del>1 Kg Tainha</del>	<del>20,00</del>	<del>py</del>	gata	5,00
5 Kg Domingo	25,00	py	Natalina PB	10,00
3 Kg Cejar	15,00	py	gata PB	5,00
9 Kg Alorao	10,00	py	Yardo	5,00
2 Kg Bai	10,00	py	26-11-24	48,75
2 Kg Gato	10,00	py	Natalina PB	4,00
2 Kg Natalina	10,00	py	Siraca	4,00
1 Kg Unco	5,00	py	Fiel	4,00
2 Kg Melado	10,00	py	Zeta	4,00
2 Kg Guanabana	10,00	py	Bali PB	4,00
2 Kg Siraca	10,00	py	Branca PB	4,00
<del>1 Kg Tainha</del>	<del>20,00</del>	<del>py</del>	Zica	4,00
1 Kg Tainha PB	5,00	py	Fada Fumago	9,00
2 Kg Tainha	10,00	py		87,75
4 Kg Baga	20,00	py		
2 Kg Nega	10,00	py		
	216,00			
	20,00			
	196,00			

43 Kg PEIXE

9,60  
10,00  
2,00

Anotações de Thyndayba sobre as vendas dos peixes.

O que chama a atenção em relação à pesquisa que fiz é o fato de Thyndayba sempre ter sido muito organizado com os seus documentos. Ele organizava o trabalho em sua comunidade e fazia as anotações de tudo em cadernos, inclusive tinha uma lista com todas famílias e seus membros. Anotava tudo: compra de materiais, dias trabalhados, nomes de todas as famílias. O jeito de administrar a documentação e liderar a comunidade me chamou bastante atenção.

Distribuidora Nota fiscal 6-02-03

Descrição	Data	Valor	Outros
Valor total		27500	- - Garantias 50
Agualho PE	31-01-03	3450	
Casa Baralho	28-01-03	15680	
Oliveira Amara	23-01-03	1800	
Casa do euado	28-11-02	4800	
Casa do criador	28-11-02	2200	
Comercial Lito	12-11-02	800	
Oliveira Amara	21-01-03	150	
Organização Chacas	28-11-02	1200	
Casa Prado	3-12-02	1600	
Agropecuario	27-01-03	1000	
Casa de construção	27-02-03	250	
Casa de Fazenda	27-02-03	840	
<del>Reserva de Fiança</del>		<del>1500</del>	
Peixe Alvarino		760.00	
3-12-03 casa do Fagundes		10500	
Almoço e Lanche		1200	
		<del>1500</del>	
		760.00	
		10500	
		1200	
		<u>16890</u>	

2160
4200
<u>6360</u>
7300
<u>13660</u>

Anotações e prestação de contas feitas por Thyndayba.

130	Moquita	4500	Moquita	25
30	Resilente	5300		53
11	zi Julio	10000		100
6	Betinho	15000	Betinho	100
2	zi Circo	04500	Circo	50
5	caio	8000	caio	50
96	sim	20000	sim	200
10				578
96				
15100		70300		
39700		59800		
5000		70500		
59800				
57900				
02000				
dinheiro da Comunidade				
2.4	6K. precoja	250.		<del>1500</del>
70	4 Roda Aramu	3.		<del>1500</del>
58	Cordeiro			<del>1500</del>
152	Alm quemado			<del>0900</del>
				50100
156114				
01010				
22650				

Prestação de contas apresentada por Thyndayba nas reuniões da Associação.

Como já foi destacado, durante mais de 20 anos, Manoel esteve como liderança da sua comunidade. Ele viajava para participar de reuniões importantes, em busca de melhoria para seu povo. E como forma de agradecimento do seu povo, um dos seus sobrinhos, Araryby Pataxó, fez inclusive uma música em homenagem ao cacique Thyndayba Pataxo .



## *Eu vou cantar*

*O índio tinha liberdade  
Em seu lugar onde vivia  
Ele vivia de bem com a natureza  
Admirando a sua beleza.*

*Suas terras não eram demarcadas;  
Com limite de separação  
Ele vivia onde queria  
Ele era o chefe de sua nação*

*O índio cantava alegremente  
Invocando os deuses da natureza  
Mas um dia inesperadamente  
Surgiu no meio uma grande tristeza.*

*Tristeza essa que eu não vou falar  
Não vou falar o que aconteceu  
Pois todo o índio do Brasil pode contar  
Só não conta aquele que já morreu.*

*Depois de tantos sofrimentos  
Eu vou para o meu povo contar  
O índio que até hoje resistiu  
Tem muitas histórias pra contar*

*Eu vou cantar para o Maxakali  
Tupinikin, Krenak e pataxó  
Kacriabá, xukuru, Guarani  
Tupinambá, Araná, Kaxikó.*

*Letra e música de Ararybhy Pataxó. Tonalidade – Mi maior  
Homenagem ao cacique Thywrdayba Pataxó*

## Centro Cultural Thyndayba Pataxó

Uma das grandes provas de sua importância para o povo Pataxó é que ele foi homenageado pela comunidade, dando o nome ao centro cultural que chamamos de “Centro Cultural Twyndayba”, local sagrado onde ocorrem nossos rituais e momentos culturais da aldeia.

Desde a década de 80, a festa tradicional Pataxó “Awê” era realizada em uma cabana, em frente à casa de Manoel Ferreira da Silva. Todos os anos, um mês antes da festa, que acontece no mês de abril, a comunidade se juntava para organizar e refazer a cabana onde acontecia o ritual. Por muitos anos, durante o seu cacicado, a festa aconteceu nessa cabana. Anos mais tarde, a cabana passou a ser de outro lado, mas ainda próxima à casa de Thyndayba, na chegada da aldeia.



Reforma da cabana em frente à casa de Manoel. 1998

Por estar localizada na chegada da aldeia, sentíamos a necessidade de um lugar mais afastado para fazer nossos rituais. Então, fazíamos na mata da Cutia, um local de difícil acesso, mas sagrado para o povo Pataxó da Aldeia Sede. Foi então na liderança de

Mesaque e Alexandre, em parceria com a Prefeitura de Carmésia e com a emenda parlamentar do deputado estadual André Quintão, que foi possível a construção do centro cultural da aldeia com a cabana central, uma cozinha e com as barracas para a venda dos artesãos Pataxó.

Foi uma realização de toda a comunidade, pois agora tínhamos um local para a realização do nosso ritual. O centro cultural recebeu então o nome de “Centro Cultural Thyndayba”. Foi realizado um momento cultural de agradecimento e reconhecimento à Thyndayba. No dia da homenagem, em abril de 2015 aconteceram danças, cantos, e a primeira tataraneta entregou a placa com o nome do centro cultural que leva o nome dele. Foi um momento muito importante, principalmente por homenagear em vida alguém que teve tanta importância na nossa comunidade.



Centro Cultural Thyndayba.





Cacique Mesaque (sobrinho) e vice-cacique Alexandre (neto) homenageiam Thyndayba Pataxó.



Foto de Twyndayba Pataxó ao lado do deputado André Quintão e algumas pessoas da aldeia sede.

## **Início das aulas na Aldeia Sede e construção da Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá**

Em 1989, Thyndayba ao lado de outras lideranças Pataxó conseguiram a demarcação do território para o povo Pataxó. Com a demarcação do território, ele foi em busca de melhorias para seu povo. Começou aí a discussão sobre educação outras políticas públicas para a Aldeia Sede.

No ano de 1990, conseguimos que as crianças pudessem ter acesso à escola dentro da aldeia, com professores não indígenas. Como já existia um prédio antigo na aldeia, ali começaram as aulas do 1º ao 4º ano com professores não indígenas. No ano de 1996, juntamente com outras lideranças Pataxó que vieram da Bahia, eles conseguiram uma parceria com a UFMG para formação de professores indígenas.



Prefeitura Municipal de Carmésia  
ESTADO DE MINAS GERAIS



LEI Nº 352/96

"Cria a Escola Municipal de Educação  
Indígena Pataxó Bacumuxá"

A câmara Municipal de Carmésia através de  
seus vereadores aprova e o seu Prefeito Municipal sanciona a seguinte  
Lei:


Art.1º- Fica criada a Escola Municipal de Educação Indígena Pataxó  
"Bacumuxá".

Art.2º- Fica autorizado o Poder Executivo através da Secretaria Mu-  
nicipal de Educação, Cultura e Desporto regulamentar a Legislação  
específica para este tipo de escola de acordo com a Lei Federal e  
Estadual.

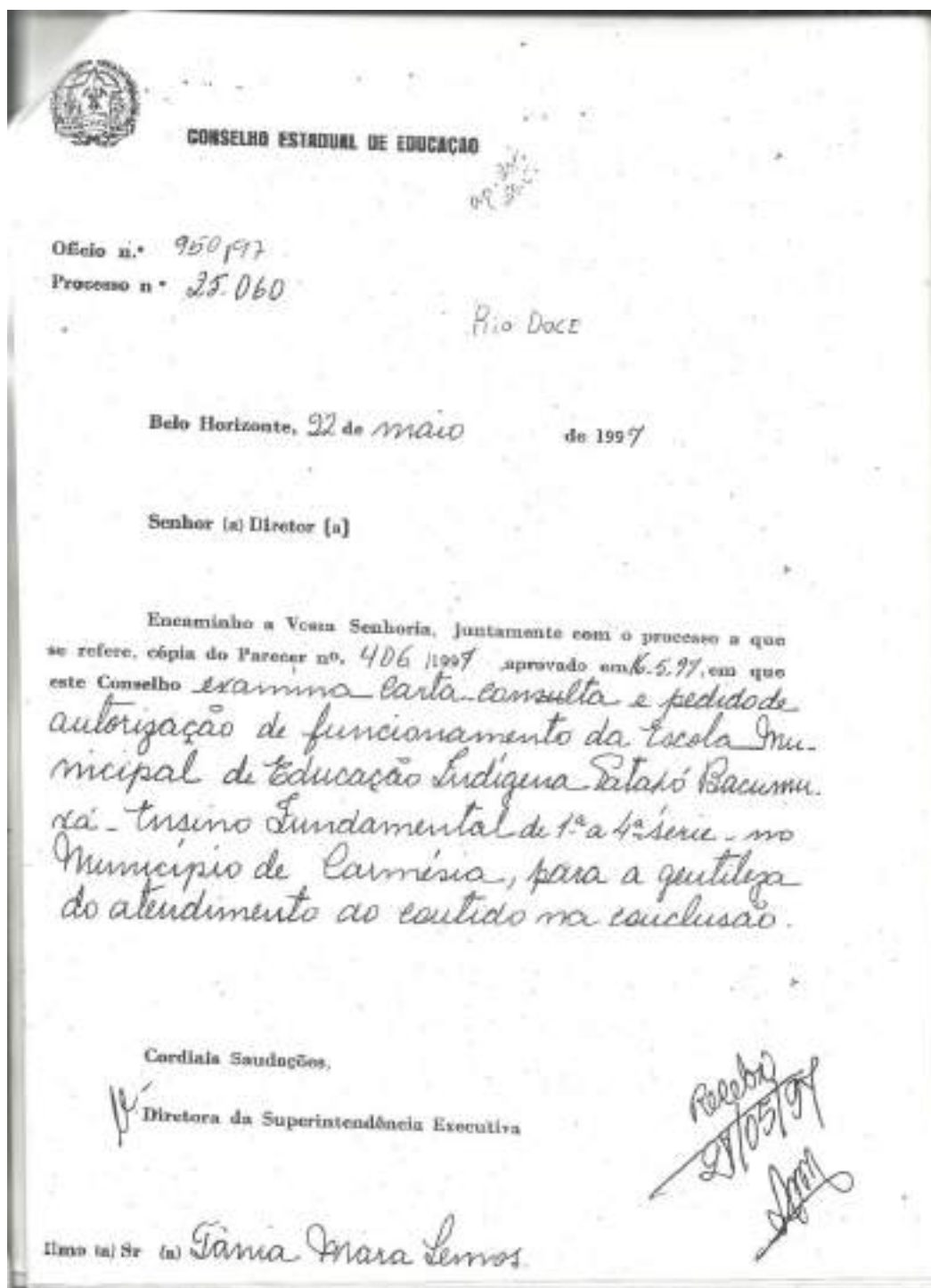
Art.3º- As despesas com a criação da referida escola citada no Art  
1º desta mesma Lei, correrão por conta de dotações próprias desta  
Municipalidade.


Art.4º-Revogam as disposições em contrário, esta lei entrará em vi-  
gor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de Carmésia em, 1º de abril de 1.996.

  
FLÁVIO SOARES MADUREIRA  
Prefeito Municipal

Durante alguns anos, esse curso era ofertado pela UFMG no Parque Estadual do Rio Doce. Nesse curso se formaram alguns professores da Aldeia Sede e em, agosto de 1997, as aulas passaram a ser conduzidas nas aldeias pelos professores indígenas.



 **CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO**

Ofício n.º 950/97  
Processo n.º 25.060


Rio Doce


Belo Horizonte, 22 de maio de 1997

Senhor (a) Diretor (a)

Encaminho a Vossa Senhoria, juntamente com o processo a que se refere, cópia do Parecer nº. 406/1997, aprovado em 6.5.97, em que este Conselho *examina carta consulta e pedido de autorização de funcionamento da Escola Municipal de Educação Indígena Estoró Bacumua - Ensino Fundamental de 1.ª a 4.ª série, no Município de Carmésia, para a qualificação do atendimento ao ensino na conclusão.*

Cordiais Saudações,

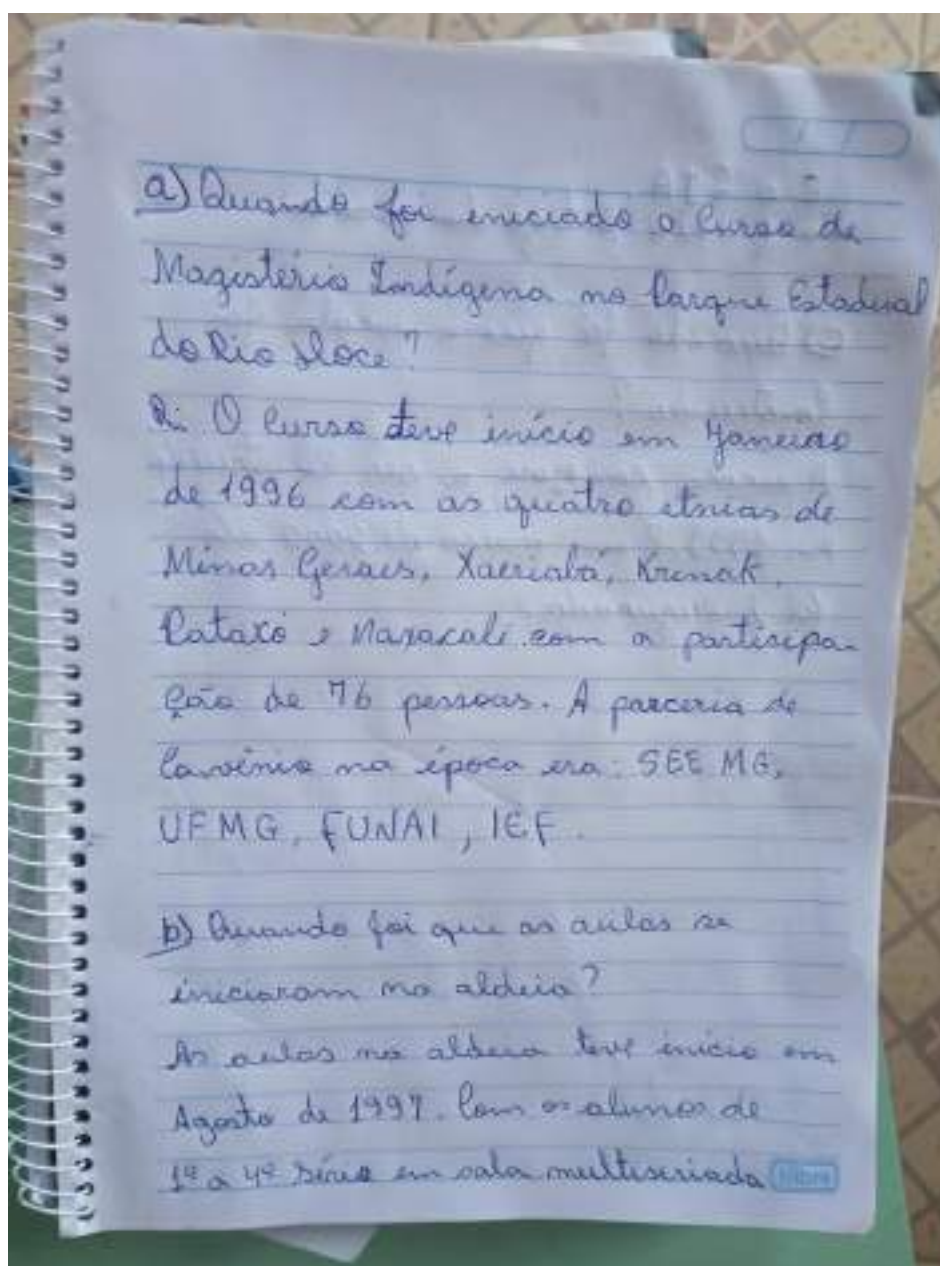
 Diretora da Superintendência Executiva

Recbto  
27/05/97  


Ilmo (a) Sr (a) Tania Inara Lemos

Cópia do parecer de autorização para funcionamento da Escola.

Em 1999, a Escola da Aldeia Sede começou a ser construída. A construção foi baseada nas moradias antigas do povo Pataxó. Um espaço no centro, onde funciona o refeitório, e as salas ao redor, significando as casas antigas. O nome *Bacumuxá* foi escolhido por significar “árvore do conhecimento”, já que antigamente os alunos não tinham onde estudar e acabavam aprendendo embaixo das árvores. Assim como na Aldeia Sede, na Aldeia Retirinho, hoje, Kanã Mihay, as escolas foram inauguradas em março do ano 2000.



Entrevista com a professora Vanusa, formada na primeira turma do magistério indígena da UFMG.



E o EJA  
no prédio Antigo da escola.

C) Quando foi que a escola foi  
construída?

A escola começou a ser construída  
em 1999. E em março de 2000 ela  
foi inaugurada.

### **Vida política: primeiro vereador indígena do município de Carmésia**

Thyndayba sempre teve um bom relacionamento com os moradores de Carmésia, e entre eles, tinha o vereador Ronaldo Freitas (PFL), que apoiava e era a favor dos povos indígenas em Carmésia. Como vereador, ele buscava um melhor atendimento ao Pataxó e leis que preservassem nossa identidade e cultura.

Esse vereador, além de defender os direitos indígenas na câmara de Carmésia, também se tornou amigo de Thyndayba. Assim, Ronaldo Freitas orientou e incentivou Thyndayba a se candidatar como vereador para que a comunidade indígena tivesse seu próprio representante na câmara municipal de Carmésia.

Em 1993, Thyndayba se candidatou a vereador da cidade e foi eleito, sendo vereador por quatro mandatos consecutivos.



Posse de Thyndayba como vereador em 1993.



Propaganda da campanha eleitoral para o segundo mandato.



Propaganda da campanha eleitoral para o quarto mandato.



**GABINETE DO DEPUTADO ALBERTO PINTO COELHO**  
Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais

Ofício nº 1.152/2003

Belo Horizonte, 21 de outubro de 2003.

Ilustríssimo Senhor Frederico:

Atendendo pleito do Vereador Manoel Ferreira da Silva, Presidente da Câmara Municipal de Carmésia, venho solicitar a V. Sa. estudar a possibilidade de liberar a instalação de telefones públicos nas comunidades de São Tomás, Vila Esperança e na Reserva Indígena Pataxô, no município de Carmésia.

Tenho certeza que V. Sa. não medirá esforços para dotar as referidas comunidades de tão eficaz meio de comunicação, indispensável para a melhoria da qualidade de vida daqueles moradores.

Na oportunidade, reitero a V. Sa. o meu apreço e a minha gratidão.

Atenciosamente,

Deputado Alberto Pinto Coelho  
Líder do Governo

Ilmo. Sr.  
Frederico da Silva Passos  
Gerência de Telefonia Pública - TELEMAR



23011 1005 019162

TELEFONIA-PB

Requerimento de Thyndayba como vereador solicitando telefone público.

FUNAI - TERESÓPOLIS	
DATA:	02.12.98
HORARIO:	18:30
TITULO:	Requerimento
ASSINATURA:	MF

REQUERIMENTO

A  
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DA FUNAI  
GOVERNADOR VALADARES/MG.

O abaixo assinado, MANOEL FERREIRA DA SILVA, índio Pataxó; cacique e vereador no município de Carmésia/MG, residente na Terra Indígena Guaraní, naquele município, vem solicitar de Vossa Senhoria assistência da FUNAI para que a Prefeitura Municipal de Carmésia/MG possa fazer uma guarita no trevo que dá acesso à Terra Indígena Guaraní, na Rodovia que liga cidade de Carmésia à BR 120.

Tal solicitação prende-se ao fato da necessidade dos índios da Terra Indígena Guaraní Ter um abrigo contra as intempéries da natureza, enquanto aguardam transporte de ônibus e outros meios rodoviários.

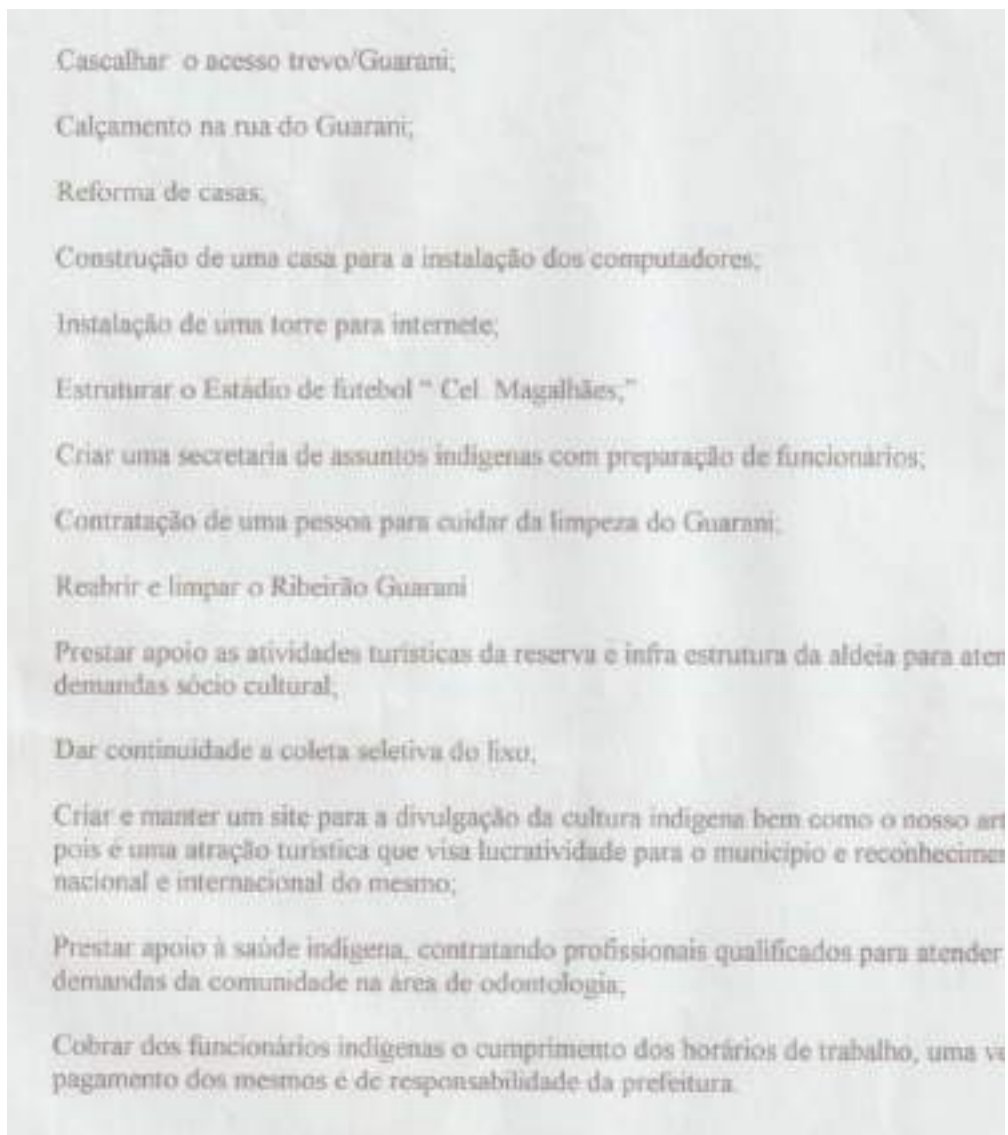
Na oportunidade informo ainda que, no local de construção da referida guarita já é ponto de ônibus homologado pelo DER/MG.

Sem mais para o momento, aguardo deferimento desta Fundação.

Governador Valadares, 02 de dezembro de 1998.

*Manoel Ferreira da Silva*  
VEREADOR MANOEL FERREIRA DA SILVA  
CACIQUE PATAXÓ

Requerimentos de Thyndayba como vereador encaminhado à FUNAI solicitando guarita.



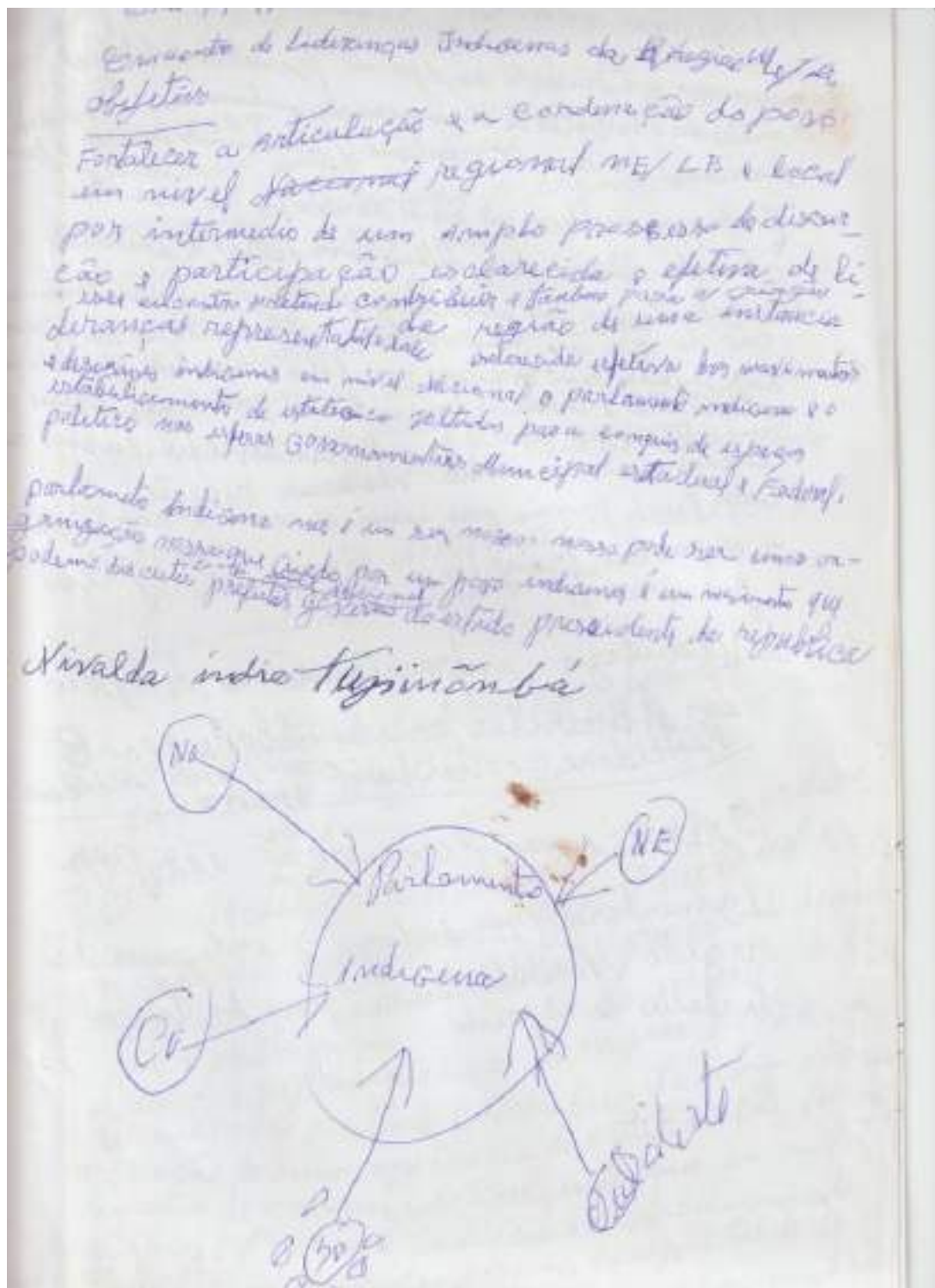
Demandas levantadas pela comunidade, encaminhadas por Thyndayba, ao prefeito de Carmésia, com o intuito de melhorar a infraestrutura da aldeia e promover o fortalecimento cultural.

A eleição de Thyndayba como o primeiro indígena vereador no município de Carmésia foi mais um marco histórico importante para o povo Pataxó da Aldeia Sede. Em parceria com o prefeito, conseguiram alguns projetos de construção de casa para as famílias que não tinham moradia.

Como ele fez uma boa gestão como vereador no primeiro mandato de 1993 a 1996, na eleição seguinte ele se candidatou novamente e foi reeleito, e assim aconteceu por quatro mandatos. Em um desses mandatos, ele foi presidente da Câmara e foi homenageado como o vereador mais atuante no município.



Homenagem a Thyndayba como vereador mais atuante no município de Carmésia.



Registro de atuação na comunidade como cacique.

Em 2015, em um dia de ritual, ele foi homenageado e recebeu uma placa com o nome do centro cultural, o nome dele, no caso.

Foi um momento de muita alegria e realização pois conseguimos construir nosso centro cultural e fazer essa homenagem , uma vez que na maioria dos casos, o homenageado já esta morto e com os Pataxó foi diferente, ele esta vivo. Mesmo com a saúde debilitada, de vez quando levamos ele no centro cultural em dia de ritual.



## CONCLUSÃO

Com esta pesquisa podemos conhecer a trajetória de vida e o quão Thyndayba Pataxó foi importante e de grande referência para o povo Pataxó da Aldeia Sede. Com seus ensinamentos, sua sabedoria de liderança forte, ele deu início a luta no território mineiro.

Através desta pesquisa, dos relatos dos entrevistados, das fotos e documentos lidos, pude conhecer a história de Thyndayba Pataxó, sinto orgulho de ser neta do grande líder que o meu avô foi. Ao escrever este trabalho, revivi muitos momentos da minha infância, foi uma volta ao tempo, cheia de saudades e orgulho em saber que na Aldeia Sede, onde nasci, onde meu filho nasceu, em cada cantinho podemos ver o trabalho de liderança que meu avô deixou para as novas gerações. O legado do pescador que pescou sabedoria, ensinamentos para sua comunidade, para sua descendência.

O objetivo inicial da pesquisa foi elaborar um documento para ser usado na escola da aldeia, para consulta e principalmente para ficar registrado a trajetória de vida de Thyndayba, que saiu do seu território originário e veio para Minas Gerais com a família e depois trouxe outros parentes, iniciando uma nova vida em território mineiro. Aqui viu o crescimento da sua aldeia tanto, em número de pessoas como em qualidade de vida, aqui conseguiram reafirmar e fortalecer a cultura Pataxó e a identidade indígena.

Thyndayba conseguiu ser eleito por quatro mandatos como vereador indígena no município de Carmésia e, com sua experiência e dedicação, desenvolveu um excelente trabalho.

☛ Acesse nos links abaixo o registro em vídeo da entrega desta monografia para Thyndayba Pataxó:

<https://www.youtube.com/watch?v=Cn-5Qoggnws>

## IMAGENS E DOCUMENTOS DA VIDA E O TRABALHO DE MANOEL FERREIRA DA SILVA – THYNDAYBA PATAXÓ

Este capítulo é destinado a imagens da vida de Thyndayba, que retratam vários momentos junto à família, na atuação como liderança e como vereador. Acredito ser de grande importância para que todos tenham acesso a esse acervo encontrado em sua casa. A maioria das fotos e documentos fazem parte do arquivo pessoal de Thyndayba.



Viagens para venda de artesanato.





Foto de Thyndayba com sobrinho neto.



Foto de Thyndayba com a neta Leila Pataxó e a bisneta Sheila.



Centro Cultural Twyndayba Pataxó.



Binestos e tataranetos em 2018.





Alunos da Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá escutando as histórias de D. Maria e Manoel.





Foto da chegada ao Centro Cultural Txywdayba Pataxó.



Título de honra ao mérito do último mandato de Manoel Ferreira.



600063

**GM ALEVINOS LTDA. ME** **NOTA FISCAL**  
 DE SAÍDA  DE ENTRADA Nº 000064

Rua João Nogueira, 100 - Bairro Inconfidentes  
 Contagem - Minas Gerais - CEP 32280-330  
 Tel: (031) 333-2649 - Fax: (031) 333-2737

CNPJ: 01.662.887/0001-46  
 INSCRIÇÃO ESTADUAL: 186.338.209.00.69

4ª VSA FISCAL/NÚMERO: 00/00.00  
 DATA LIMITE PARA CASSAC: 00/00.00

DESTINATÁRIO / REMETENTE:  
 NOME RAZÃO SOCIAL: *Azong. Com. Ind. Ag. Petrólio Thy. Indústria da*  
 ENDERÇO: *Rua Indígena Guaraní*  
 MUNICÍPIO: *Contagem* UF: *MG* INSCRIÇÃO ESTADUAL:

DADOS DO PRODUTO:

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS	CST	UNID.	QDAN.	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL	ALÍQ. ICMS
<i>Alevinos de Tamboré</i>		<i>un</i>	<i>30</i>	<i>20,00</i>	<i>600,00</i>	
<i>Alevinos de Tampa coberta Guaraní</i>		<i>un</i>	<i>0,45</i>	<i>20,00</i>	<i>9,00</i>	
<i>Alevinos de Tampa Papim</i>		<i>un</i>	<i>0,45</i>	<i>10,00</i>	<i>4,50</i>	
<i>Alevinos de Guaraní</i>		<i>un</i>	<i>1</i>	<i>20,00</i>	<i>20,00</i>	

CÁLCULO DO IMPOSTO

BASE DE CÁLCULO DO ICMS	VALOR DO ICMS	BASE DE CÁLCULO DO ICMS SUBSTITUIÇÃO	VALOR DO ICMS SUBSTITUIÇÃO	VALOR TOTAL DO IMPOSTO
VALOR DO PREÇO	VALOR DO ICMS	OUTRAS DESPESAS ADICIONAIS	VALOR TOTAL DO IPI	<i>132,00</i>
TRANSPORTADOR / VOLUMES TRANSPORTADOS				<i>132,00</i>
RONE / INSCRIÇÃO SOCIAL		PARTE DO CUSTO SUBSTITUÍVEL	PARTE DO CUSTO	S.F. CDE-ICMS
<i>0 propul</i>		<input type="checkbox"/>		
ENDERÇO		MUNICÍPIO	UF	INSCRIÇÃO ESTADUAL
DADOS ADICIONAIS		RESERVAÇÃO FISCAL		
CONDIÇÕES DE PAGAMENTO:				
OPERAÇÃO/PRESTAÇÃO ISENTA DO ICMS NOS TERMOS DO INCISO I DO ART. 10 DA LEI Nº 10992 DE 29 DE DEZEMBRO DE 1992. <b>NÃO GERA DIREITO A CRÉDITO DO IMPOSTO</b>				

Nota fiscal de compra de alevinos.

**APIS & INDIGENAS LTDA. - EPP**      **NOTA FISCAL Nº**  
 SAÍDA     ENTRADA      **001365**

RUA LINDOLFO AZEVEDO, 111 - JARDIM AMÉRICA  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

FONE: (031) 371-1776 - TELEFAX: 332-0416 - CEP 30.460-950      DDC: **02.104.788/0001-03**      **Via Fisco**

DATA DA OPERAÇÃO	CFOP	INSCRIÇÃO ESTADUAL DO SUBSTITUTO (TRIBUTÁRIO)	INSCRIÇÃO ESTADUAL
Venda	512		062.668518-0098

DESTINATÁRIO / REMETENTE

RAZÃO SOCIAL: **Assoc. Comunitaria Indig. Patxá Thundayba**      CAGEOT: **9321192/0001-71**      DATA EMISSÃO: **29/12/99**

NOME: **Posto Indígena Guarani**      VALOR: **15 870,00**      DATA DA OPERAÇÃO: **29/12/99**

MUNICÍPIO: **Guaxupé**      FONE/FAX: **064 1145**      UF: **MG**      INSCRIÇÃO ESTADUAL: **Inscrito**      DATA DA SAÍDA: **16/01/00**

DADOS DO PRODUTO

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS	C.X.T.	QNTD	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL	ALÍQ. ICMS
Cera alveolada	KG	15	14,00	210,00	
Arma galvanizada nº 22	KG	3	5,50	16,50	
Carretinha manual	UN	1	11,30	11,30	
Cuneco p/ soldar cera	UN	1	6,00	6,00	
Funilador profissional manual	UN	2	26,50	51,00	
Tela de transporte de ninho	UN	5	5,30	26,50	
Alimentador boardman	UN	5	2,00	10,00	
Centrifuga inox 8q	UN	1	327,00	327,00	
Secantador inox 200 kg	UN	1	385,00	385,00	
Mesa desoperculadora inox p/ 16q	UN	1	324,00	324,00	
Garfo desoperculador	UN	2	4,50	9,00	
Desretador de cera	UN	1	49,00	49,00	
Limpador de ranhura	UN	1	1,50	1,50	
Peneira inox p/ Secantador 200kg	UN	1	69,00	69,00	
Concha p/ captura de anexas pe c/50g	UN	3	0,90	2,70	
Forma p/ apicultura	UN	3	2,00	6,00	

CÁLCULO DO IMPORTE

VALOR DE CÁLCULO COM ICMS	VALOR DO ICMS	BASE DE CÁLCULO COM SUBSTITUIÇÃO	VALOR DO ICMS SUBSTITUIÇÃO	VALOR TOTAL DOS PRODUTOS
				<b>1506,50</b>
VALOR DO PRETE	VALOR DO SUPLENTE	VALOR DA DESPESAS ACESSÓRIAS	VALOR TOTAL DO FV	<b>VALOR TOTAL DA NOTA</b>
				<b>1506,50</b>

TRANSPORTADOR / VOLUMES TRANSPORTADOS

NOME / RAZÃO SOCIAL: **Petrus**      PRETE POR UNIDADE: **1**      PLACA DO VEÍCULO:      V.F.:      CAGEOT:      9321192/0001-71

UNIDADE:      MUNICÍPIO:      UF:      INSCRIÇÃO ESTADUAL:

QUANTIDADE	Especie	MARCA	NOME	PESO BRUTO	PESOS LÍQUIDO
<b>9</b>	<b>Volume</b>				

DADOS ADICIONAIS      RESERVADO AO FISCO

NÃO GERA DÍVITA A CREDITO

APIS & INDIGENAS LTDA. - EPP, se declara responsável pela Nota Fiscal emitida ao ICMS.

DATA DE RECEBIMENTO:      IDENTIFICAÇÃO E ASSINATURA DO RECEBENTE:      **NOTA FISCAL Nº 001365**

Nota fiscal.

Dil 3kg = 21,00

Reginaldo 2kg = 14,00

Fiel 6,500 = 42,70

Neminha 1,100kg = 7,70

Zé Ricardo 4,800kg = 33,60

Gabari 3,500kg = 21,70

Zeca 2kg = 14,00

Mineiri 3,800kg = 22,40

Maria Dolores 1kg = 7,00

Val 1kg = 7,00



$$\begin{array}{r} 37 \\ 235 \end{array}$$

Peixe Devedores  
 02-10 Dil 2Kg + 22-08 1Kg = 3Kg  
 06-10 Reginaldo 2Kg  
 Fict 2500 = 9Kg  
 Neminha 1500Kg  
 Zé Ricardo 2Kg + 2800 Kg = 4800  
 Galton 1Kg + 2500 Kg = 3500  
 26-08 Zela 2Kg  
 25-08 Minore 3200Kg  
 22-08 Maria Dolores 1Kg  
 25-08 Val 1Kg

Anotações de Manoel sobre a venda de peixes.

São Paulo, 01 de julho de 1992


Recebemos do Sr. MANOEL FERREIRA DA SILVA, líder da comunidade indígena PATANÓ  
de Minas Gerais, as mercadorias abaixo relacionadas, a título de consignação:

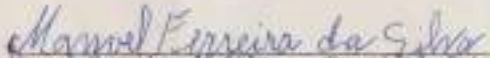
quant.	descrição do produto	preço unitário	preço total
25	colares	cr\$ 15.000,00	cr\$ 375.000,00
35	"	cr\$ 10.000,00	cr\$ 350.000,00
10	"	cr\$ 8.000,00	cr\$ 80.000,00
15	"	cr\$ 5.000,00	cr\$ 75.000,00
06	perles	cr\$ 20.000,00	cr\$ 120.000,00
01	bordans	cr\$ 30.000,00	cr\$ 30.000,00
05	presilhas	cr\$ 8.000,00	cr\$ 40.000,00
02	pulseiras	cr\$ 15.000,00	cr\$ 30.000,00
10	peres de brinco	cr\$ 10.000,00	cr\$ 100.000,00
28	aréis	cr\$ 4.000,00	cr\$ 112.000,00
04	arco/flecha	cr\$ 15.000,00	cr\$ 60.000,00
01	lança	cr\$ 15.000,00	cr\$ 15.000,00
01	"	cr\$ 30.000,00	cr\$ 30.000,00
01	"	cr\$ 40.000,00	cr\$ 40.000,00
02	arco/flecha	cr\$ 40.000,00	cr\$ 80.000,00

total ..... cr\$1.537.000,00

adiantamento ..... cr\$ 470.000,00

total acertar .... cr\$1.067.000,00

  
Antonio Eleilson Leite - CEDI

  
Manoel Ferreira da Silva - Comunidade Patanó

Anotações sobre a venda de artesanato da comunidade em suas viagens.

RECEBI DO CEDI (CENTRO ECUMENICO DE DOC. E INFORMACÃO)  
A QUANTIA DE CR\$ 300.000,00 (TREZENTOS MIL CRUZEIROS) REFERENTE,  
A ADIANTAMENTO DE ACERTO DE CONSIGNAÇÃO DE ARTESANATOS INDIGENAS.

400	1537
300	
470	1170
1170	6387

SÃO PAULO 15 DE JULHO DE 1992.

Manoel F. de Silva  
MANOEL PATACHO  
RG. Nº M - 3. 327. 588

*Electroz*

- F9) 07) Nairly Vieira das Graças  
08) Marianna Vieira das Graças

F10

- 01) Heraldo Borges da Silva  
02) Ingaia Margarita Silva Borges  
03) Lúcia Borges da Silva  
04) Leila Borges da Silva  
05) Estela Borges da Silva

F11

- 01) José Carlos Borges  
02) Lúcia Francisca de Jesus  
03) Alexandre Borges da Silva  
04) Alex Borges da Silva

F12

- 01) Benedito dos Santos Braz  
02) Algeston Aragão Braz  
03) Vitor Aragão Braz

F13

- 01) Norberto Braz da Conceição  
02) Sandra Borges da Silva  
03) Keila Tuzamã

F14

- 01) Maria Lúcia Borges  
02) Virgínia Loures da Silva  
03) Gisela Loures da Silva  
04) Silvana Loures da Silva  
05) Sislene Loures da Silva  
06) Ganna Loures da Silva

F15

- 01) Valdir Ferreira da Silva  
02) Antonia Rita da Conceição  
03) Benedito da Conceição  
04) Vanderlei da Conceição  
05) Vanderlândia da Conceição  
06) Valciresa da Conceição

F16

- 01) OLSONICH MARIA DA SILVA

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA PATANÓ THEREMATA - ACEI

Nº FAMILIAS ASSOCIADAS

19

- 01) Sebastião Augusto da Sousa
- 02) Antonia Aragão da Silva
- 03) Nely Vandy Silva Sousa
- 04) Isabela Silva Sousa
- 05) Isaac Silva Sousa
- 06) Inaque Silva Sousa

20

- 01) Aldeides Ferreira da Silva
- 02) Metalina Aguiar da Aragão Silva
- 03) Adilson Silva de Jesus
- 04) Henrique Silva de Jesus
- 05) Abílio Silva de Jesus
- 06) Inês Aragão da Silva
- 07) Alina Aragão da Silva
- 08) Anaida Aragão da Silva
- 09) Antonio Aragão da Silva

21

- 01) Geraldo Ferreira da Silva
- 02) Melvino Afonso da Silva
- 03) Jackson Pereira da Silva
- 04) Adailson Ferreira da Silva
- 05) Maria Vanda Afonso da Silva
- 06) Virgínia Afonso da Silva

22

- 01) Luis Viana
- 02) Maria Carmo Ferreira Viana
- 03) Claudineia Ferreira da Silva
- 04) Vazirã Victor Ferreira Viana

23

- 01) José Augusto da Sousa
- 02) Aldeia Aragão da Silva
- 03) Vítia Silva Sousa
- 04) Leidiane Silva Sousa
- 05) Eliseu Silva Sousa
- 06) Anapurna Silva Sousa

24

- 01) Domingos Ferreira da Silva
- 02) Eunice Sousa Silva
- 03) Leandro Ferreira da Silva
- 04) Tagna Ferreira da Silva
- 05) Akaxiã-pahã Ferreira da Silva
- 07) Rosália Ferreira da Silva

25

- 01) Manoel Ferreira da Silva
- 02) Maria Borges da Silva

26

- 01) Estêvão Luis Viana
- 02) Maria de Lourdes Borges
- 03) Kaynara Borges Viana
- 04) Amadoré Borges Viana

27

- 01) Manoel Vieira das Graças
- 02) Eva Doré Kramoch
- 03) Flávio Vieira das Graças
- 04) Valéria Vieira das Graças
- 05) Indira Vieira das Graças
- 06) Jacira Vieira das Graças

Anotações das famílias que moravam na aldeia.



Foto de Txyn dayba fazendo artesanto.



**VEREADOR**  
**CÂMARA MUNICIPAL DE**  
**CARMÉSIA**

**VALIDADE:** 31 DE DEZEMBRO DE 2004

**REGISTRO UDEMIG:** 55/02

  
**BRANCA CIBÍLIA DE CÚRIA**  
**PRESIDENTE/UVEMIG**

**DIREITOS DO VEREADOR GARANTIDOS PELA**  
**CONSTITUIÇÃO FEDERAL: ART. 29 INC. VI**  
**INVIOABILIDADE DOS VEREADORES POR**  
**SUAS OPINIÕES, PALAVRAS E VOTOS.**

**- VÁLIDA EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL -**

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
*União dos Vereadores do Estado de Minas Gerais*  
**CARTEIRA DE IDENTIDADE**




**NOME:** MANOEL FERREIRA DA SILVA  
**NATURAL DE:** PORTO SEGURO/BA  
**FILIAÇÃO:** JOÃO MARIANO FERREIRA  
LINDONEZA FERREIRA DA SILVA  
**DATA NASCIMENTO:** 21/05/1926  
**R. G.:** M-3.327.588 SSP/MG  
**CPF:** 082535285-15  
**GRUPO SANGÜÍNEO:**  
*Manoel Ferreira da Silva*  
**PORTADOR**

VICE: LUÍS DUARTE

**MANOEL FERREIRA DA SILVA**

VEREADOR - PI

  
**Jojó**  
**PREFEITO**

  
**MANOEL**  
**ÍNDIO**

**25 JOSÉ CARVALHO**

**22644**

UNIDOS POR CARMÉSIA  
PTL - PMDB - PL







**Recibo de Entrega de Prestação de Contas**

Número do Protocolo: 2006/04

**Eleições - 2004**

Partido:	PMDB	Candidatura:	Vereador
Município:	CARMEZIA		
Número:	15555		
Nome do Candidato:	MANOEL FERREIRA DA SILVA		
Data de Entrega:	02/11/2004	Número de Controle:	7653700685
Tipo de Entrega:	Disquete		
Retificadora:	Não		

Prestação de contas recebida pelo base de dados da Justiça Eleitoral, Certificada a autenticidade do número de controle impresso nas peças apresentadas.

Observação:

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Servidor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

CÂMARA MUNICIPAL DE CARMERIA Demonstrativo de Pagamento de Salário  
LOCAL : 90004-L.Limosa/PE/VERSÃO/2006 CPF : 10.303.172/0003.08  
101-SARDNETE SECRETARIA DA CÂMARA 001-0040 LES. 00010-MERCADINHO

0050677 MARCEL FERREIRA DA SILVA MENEZES  
DTI : 002.535.285-15 NCM: 217 C/C: 00000638-4 NIVEL: PARADO VER ✓  
ESTRUC: AD.POLITICO ADMISSAO: 01/03/1997

110 P SUBSIDIO DE AGENTE POLITICO	380,00	090,00	72,66
201 F I.N.E.S.			

890,00	72,00
890,00	72,00

02 03 06 + Marcel Ferreira da Silva

Carmópolis, 04 de Maio de 2006.

Senhor Presidente,

Complementando o e em atenção ao ofício nº 5335/2006 - SEC/1ª Câmara, relativo ao processo administrativo nº 706.154 referente ao controle das divergências apontadas na data-base 31/12/03 com reinvidicações na data-base 31/12/04 da Câmara Municipal de Carmópolis, CNPJ 18.303.172/0001-08 situada à Praça Nossa Senhora do Carmo, 192, Centro desta cidade de Carmópolis/MG, justifico-lhe que não foi informado os dados relativos a "Outros Despesas de Pessoal" porque não encontramos tais despesas nos referidos exercícios, conforme relatado em anexo que comprova o alegado.

Sendo o que se apresenta no momento, solicito que esta justificativa supra seja encaminhada à Diretoria de Análise Formal de contas para reunião. Atenciosamente.

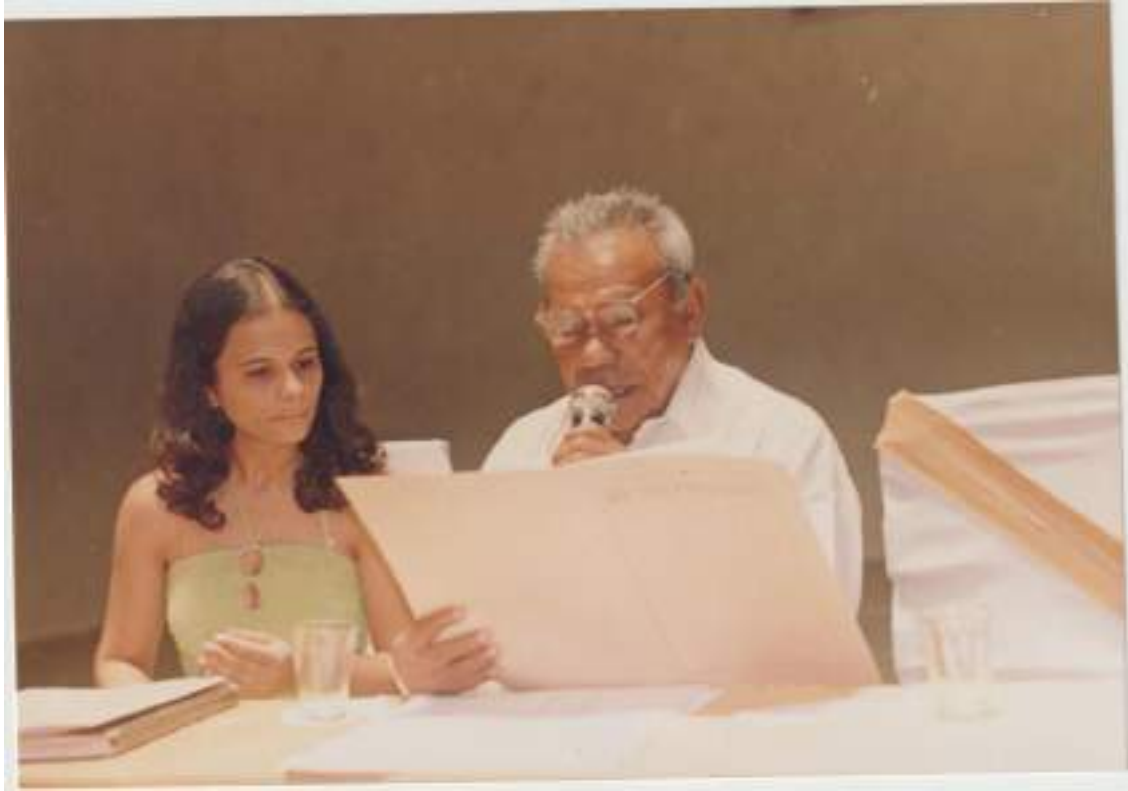
*Manoel Ferreira da Silva*

Manoel Ferreira da Silva  
CPF 082.555.283-13  
Carteira de Identidade: M-3.327.588  
Presidente à Epoca, da Câmara Municipal de Carmópolis

Excmo. Sr. Presidente Edmundo Cavero Costa,  
Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais  
Belo Horizonte - Minas Gerais



Posse do segundo mandato como vereador de Carmésia, em 1997.











Cont. memo A.1. Fazenda Guarani

Pg. 02

### DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

- NORTE :** Partindo do Marco 09 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 01' 28.1''$  S e  $43^{\circ} 09' 05.9''$  Wgr., segue por uma vaia até o Marco 10 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 01' 00.3''$  S e  $43^{\circ} 08' 13.4''$  Wgr.; daí, pela referida vaia com uma distância de 9.425,16 metros, até o Marco 01 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 01' 46.9''$  S e  $43^{\circ} 05' 09.9''$  Wgr., localizado na margem direita de uma estrada que liga a cidade de Guanhães a Carnesina.
- LESTE :** Do marco antes descrito, segue por uma linha reta com azimute e distância de  $190^{\circ} 01' 57.9''$  e 712,89 metros, até o Marco 02 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 02' 09.0''$  S e  $43^{\circ} 05' 13.9''$  Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de  $144^{\circ} 19' 11.7''$  e 70,47 metros, até a Estaca 02 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 02' 11.7''$  S e  $43^{\circ} 05' 12.4''$  Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de  $172^{\circ} 01' 05.7''$  e 27,14 metros, até a Estaca 03 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 02' 12.5''$  S e  $43^{\circ} 05' 12.3''$  Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de  $207^{\circ} 17' 13.5''$  e 1.213,72 metros, até o Marco 03 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 02' 50.7''$  S e  $43^{\circ} 05' 32.4''$  Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de  $210^{\circ} 13' 39.1''$  e 1.776,23 metros, até o Marco 04 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 03' 40.9''$  S e  $43^{\circ} 06' 02.5''$  Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de  $119^{\circ} 40' 44.0''$  e 519,95 metros, até o Marco 05 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 03' 49.2''$  S e  $43^{\circ} 05' 46.9''$  Wgr.
- SUL :** Do marco antes descrito, segue por uma linha reta com azimute e distância de  $248^{\circ} 09' 14.1''$  e 2.220,39 metros, até a Estaca 11 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 04' 10.8''$  S e  $43^{\circ} 06' 57.2''$  Wgr., localizado em um espigão de serras; daí, segue pelo referido espigão passando pelo Marco 06 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 03' 57.6''$  S e  $43^{\circ} 07' 00.0''$  Wgr., com uma distância de 5.561,31 metros, até a Estaca 20 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 03' 33.1''$  S e  $43^{\circ} 06' 30.9''$  Wgr.



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO INTERIO

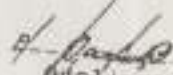
Cont. serra A.I. Fazenda Guarani

Pg. 02

OESTE : do ponto antes descrito, segue por uma vala passando pelas  
Marcos 07 de coordenadas geográficas aproximadas  $19^{\circ} 02' 31,5''$  E  
e  $43^{\circ} 08' 31,5''$  W e Marco 08 de coordenadas geográficas aproxima-  
das  $19^{\circ} 02' 31,5''$  E e  $43^{\circ} 07' 20,5''$  W, com uma distância de  
5.689,00 metros, até o Marco 09, início da descida para o vale

Local  
Brasília

Responsável Técnico

  
Adelfino de Souza  
Tec. Agr. DEF/SUAF

  
Reinaldo Florindo  
Eng. Agr. DEF/SUAF

Edm - 19-04-07

Distribuição Runt e material de Construção LTDA  
Amigo: A nota fiscal teve um erro no preço da  
ração, a ração foi para preço de crescimento custou  
36 reais. Solicito ao amigo que não disfaça essa  
nota é só fazer mais outra nota de outro valor do  
mesmo preço e botar o seu carimbo nas duas  
notas assinadas. Pois o amigo sabe que as indústrias  
dada só aceita nas com assinatura do proprietário.

Um abraço para o momento do amigo

Osvaldo F. da Silva







MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
FUNAI

AUTORIZAÇÃO DE VIAGEM

CESAI- Centro Especial de Serviço de Assistência ao Índio-  
Rua Apenião, 912 - Paraíso - São Paulo/SP - CEP-04.104  
Telefone: (011) 549.4986

Declaramos para os devidos fins que o(s) índio(s) Raquel  
Soares

da Trib. Pataxo Estado Bahia é(são) tutelado(s)  
desta Fundação de acordo com a Lei 6001 de 19.12.75.

DADOS DO DESLOCAMENTO:

DATA: 6/11/90

PERÍODO: 2 diárias (dias/horas)

DESTINO: SP/Ganhavil (BA)

São Paulo, 10/11/90

D. D.  
DALVA F. SILVA  
Chefe CESAI/SP

OBS: Qualquer caso de acidente e/ou outros, solicitar às au-  
toridades competentes comunicar imediatamente ao endereço  
acima.

Ass. Gov. Valadarell (033) 2711694



**Governo do Estado de Minas Gerais**

Palácio da Liberdade

Ofício circular - 026/98

Ilmo(a). Sr(a). MANOEL FERREIRA DA SILVA  
ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA INDIGENA PATAAD THYNDAYBA**Ref.: REPASSE DO ICMS DE JULHO DE 1998**

Senhoria) Presidente

Cordiais cumprimentos. Informamos abaixo os valores de ICMS repassados a seu município no mês de julho de 1998 e o acumulado no período de janeiro a julho de 1998, conforme a Lei 12.040/95 e sua modificação, as leis 12.428/96, 102.581/97 e a 12.734/97.

Como V.Sa. pôde acompanhar a transferência do ICMS-IP/Exportação ao seu Município, atingiu em dezembro/97 o montante de **R\$57.978,04**, o maior do ano, porque, o quarto trimestre do ano constituiu-se num período de maior arrecadação do ICMS, particularmente, o mês de dezembro e, ao invés de quatro, houve cinco repasses neste mês, nas terças-feiras dos dias 2, 9, 16, 23 e 30.

Do total creditado em 30/12/97 de **R\$19.789,36**, somente **R\$9.217,35** seriam distribuídos normalmente, resultando pois, que o seu Município obtivesse recursos adicionais de **R\$10.572,01** em dezembro/97, relativo à antecipação de receita de janeiro/98.

Outro fator explicativo para a diminuição dos valores em janeiro, foi a retenção de 15,0% do ICMS e do IPI/Exportação, para o **Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), do Governo Federal.**

Cabe ao Banco do Brasil depositar os valores referentes ao Fundo de Educação, de acordo com o Índice de matrículas no ensino fundamental de seu município. Qualquer dúvida em relação ao Fundo entrar em contato com a Sra. Eliana Novaes, na Secretaria de Estado da Educação, pelo telefone (031) 219-4376.

Informamos que o seu município recebeu, no período, em função do FUNDEF, o valor de **R\$109.512,93**, conforme informação do Banco do Brasil.

Sendo o que se apresenta no momento, sirvo-me da oportunidade para manifestar sentimentos de estima e consideração.

*Luiz Carlos Ferraz*  
Luiz Carlos Ferraz  
Secretário Geral

Critérios	Dados Originais	Total repassado a todos os municípios	Repasse do município em julho/98			Acumulado do município de janeiro a julho/98		
			ICMS	IPI Exp.	%	ICMS + IPI Exp.	%	
Estatção (Municípios)	Municipais	838	2.220.522,43	76.304,79	678,31	47,500	98.973,00	48,871
	Quilombos	678						
Baixa gastos por Habitante	100,00	1.110.260,68	2.202,00	118,54	9,811	20.110,00	9,190	
Programa Saúde da Família	-	1.110.260,68	1.948,28	66,38	6,040	70.883,38	6,371	
Meio Ambiente	**	1.110.248,78	2.893,03	130,77	10,782	29.313,76	12,380	
Produção de Alimentos	**	832.998,33	86,24	10,77	1,280	4.404,58	2,070	
Passagem Produtor Rural	218	277.886,48	109,44	3,98	0,330	857,24	0,282	
Patrimônio Histórico e Cultural	**	1.110.264,08	0,00	0,00	0,000	0,00	0,000	
Receita Própria	4.884	2.220.817,30	157,93	9,78	0,431	1.000,24	0,450	
Área (Km²)	288	1.110.262,06	473,63	17,23	1,420	1.875,26	1,680	
População (habitantes)	2.188	3.008.609,79	380,98	18,87	1,141	2.388,58	1,100	
30 Julhos em População	-	2.220.833,98	0,00	0,00	0,000	0,00	0,000	
Cota Minas	-	6.106.439,34	6.807,28	261,40	10,720	43.885,70	19,940	
Mineradoras	-	102.128,71	0,00	0,00	0,000	0,00	0,000	
Município Lado-Moço	-	218.901,88	1,22	0,00	0,000	0,00	0,000	
VAF Adicional	-	4.889.700,08	32,43	1,18	0,100	201,98	0,080	
VAF Constitucional	-	82.269.697,61	542,18	18,79	1,830	1.424,88	1,880	
Total julho 1998		111.028.720,96	82.333,91	1.213,20	100,000	218.908,81	100,000	

Obs.: (\*\*): - Índice formado por diversas variáveis

**DECLARAÇÃO**

Declaramos que a ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA PATAÇO THYUMDAYBA, possui conta corrente nesta agência cadastrada com o número 9.263-0.

Ferros, 21 de Agosto de 1997.

**BANCO DO BRASIL S. A.**  
FERROS (MG)

  
Roberto Mattos Rocha - 2018 2  
Gerente Geral

ATA DE REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA  
PATAXÓ THYUMDAYRA - ACIP.

No dia 26 de dezembro de 1997 às 16:30 hs, foi realizada uma reunião convocada pelo cacique Thyumdayba (Manoel Ferreira da Silva) Presidente da Associação Comunitária Indígena Pataxó Thyumdayba, com a finalidade de prestar esclarecimento sobre prestação de contas de compra de materiais para complementação da implantação de piscicultura. Todos ouviram atentos às colocações, após esclarecimentos, foram apresentadas as notas fiscais de compras de nº 000547, 000548, 000556, 000664, 000695, 000696, 000699 e 580357. O cacique/ presidente da ACIP Manoel Ferreira da Silva incentivou ainda os membros da comunidade em relação aos trabalhos e firme que a SETAS ou outras entidades prontificam-se em ajudar, mediante prestações de contas anteriores. O presidente deu a sua palavra final e o encerramento da reunião ocorreu às 18:30 hs.

Posto Indígena Guarany, 26 de dezembro de 1997

Manoel Ferreira da Silva

Manoel Ferreira da Silva - Presidente da ACIP

José Carlos B. da Silva

José Carlos B. da Silva - Tesoureiro

Antonio Aragão da Silva

Antonio Aragão da Silva - Secretário

Maria Ceres Ferreira Gaiano

Alzuiria Silva de Jesus

Estevão Luiz Giano

Maurício B. da Conceição

Edinaldo D. da Silva

Wanderley Conceição da Silva

PIB GUARANI

12/02/93

RELATÓRIO DA 1ª REUNIÃO DA DIRETORIA DA ACIP

A diretoria da Associação Comunitária Indígena Pataxé Tayumdayba - ACIP, foi convocada a se reunir dia 12 de Fevereiro de 1993, às 13 horas, pela presidente da mesa, o cacique Manoel Tayumdayba.

A reunião teve como objetivo o esclarecimento de alguns assuntos referentes aos trabalhos da Acip, bem como as viagens que o presidente vem fazendo afim de conseguir recursos para os trabalhos que a comunidade pretende fazer no decorrer deste ano de 93.

O cacique Manoel Tayumdayba, realizou várias viagens a capital de Belo Horizonte, a cidade de Guanabara e Ferros com a finalidade de legalizar a documentação da ACIP. Toda documentação já se encontra legalizada e em mãos do presidente: registros, COCIP e outros.

O presidente da Associação foi a várias secretarias buscando orientação e fazendo propostas de projetos para a comunidade. As dificuldades foram muitas: falta de recursos para viagens, alimentação, etc.

Foram repassadas informações importantes, como a existência de uma regional em Timóteo/MG, em caso de aquisição de projetos. Foi também proposta a aquisição de sementes para plantio, cesta básica para os trabalhos das refeições.

Foram levantadas propostas para a questão de criação de peixes e ferramentas. Mas terá que procurar outros setores.

Projetos já encaminhados: - sementes de feijão  
- cesta básica  
- cobertores  
- material escolar

Projetos que ficaram para serem vistos: - corte e costura  
- ferramentas  
- criação de peixe





Belo Horizonte

19/06/02

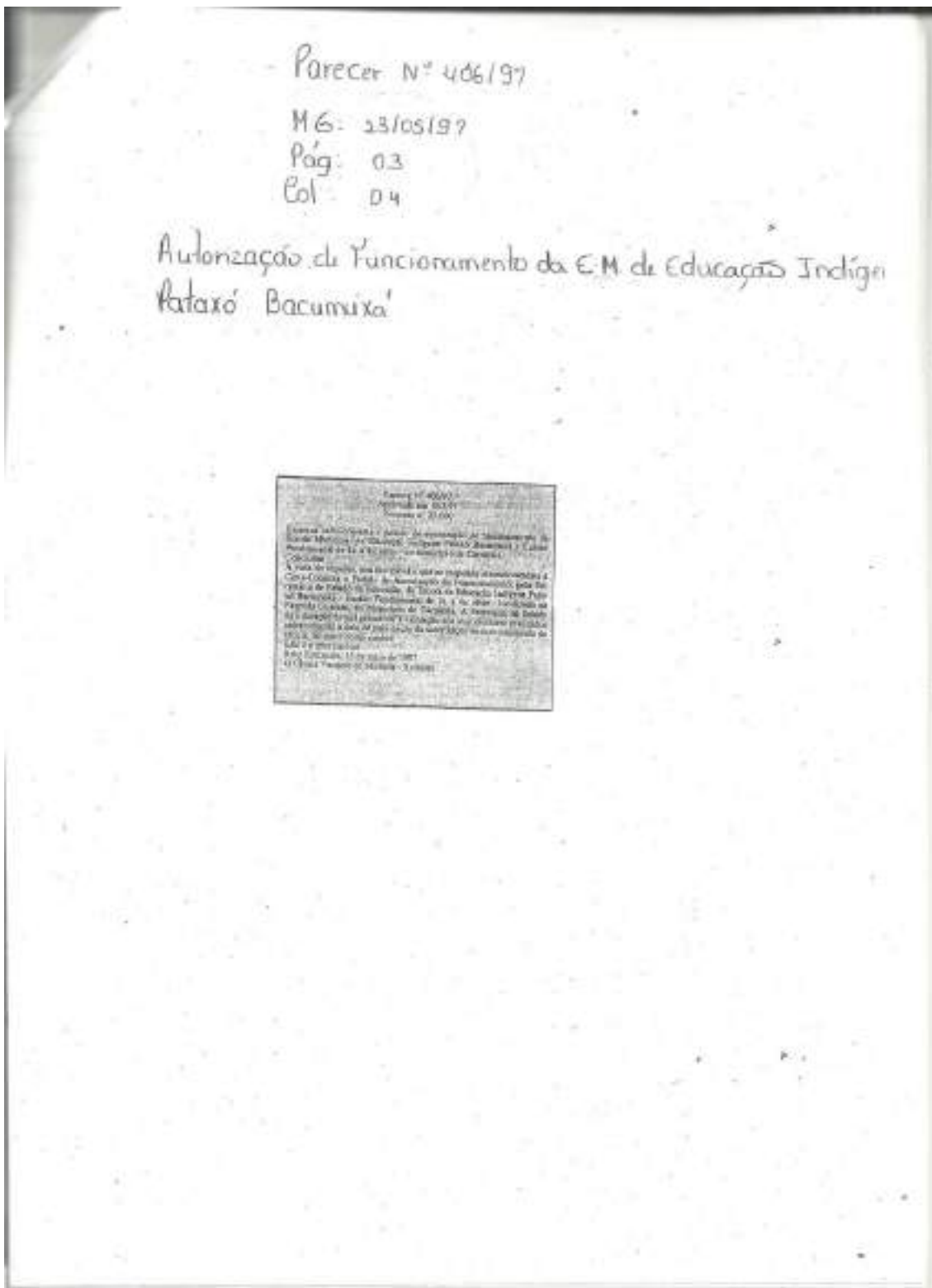
Carique Manoel

Novo paterno abraço. Agradeço por ter nos recebido tão bem nessa visita que fizemos juntos aos parentes.

Todos saíram admirados com o exemplo de dignidade da população indígena. Eu, que já acostumei sempre com todos vocês, sempre será um presente do céu, poder me beneficiar com o calor humano e a amizade de que acaba sempre iluminando nosso caminho.

Atenciosamente

Simone Tavares de Abreu  
Coordenadora Saúde Indígena  
SES/146





Parecer N° 406/97

ME: 23/05/97

Pág: 03

Col: 04

## Autonização de Funcionamento da E.M. de Educação Indígena Kataxó Bacumixa'



Diretoria de Atendimento Escolar

01: Diretoria de Desenvolvimento Curricular

Assunto: Processo de criação e Autorização de Funcionamento da Escola Municipal de Educação Indígena Palaxó Bacumuxá - Ensino Fundamental de 1ª à 4ª série, no Município de Carmémia.

Portaria 963/97

MG - 28.06.97

Portaria 964/97

MG - 28.06.97

DIVIP  
18.06.97

Encaminhamento: A Diretoria de Desenvolvimento Curricular, para providências.

02: Belo Horizonte, 16 de junho de 1997

Assinatura: Aldemir Flávia Brito

aco/mis

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS  
SUPERINTENDÊNCIA DE ORGANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO ESCOLAR  
DIRETORIA DE ATENDIMENTO ESCOLAR

DE: DIRETORIA DE ATENDIMENTO ESCOLAR

PARA: 14ª SRE - Guanhães

SIPRO - 013976512601996-4 / 013979612601996-7

ASSUNTO: Fag. de voluqat

PROCESSO  PARECER  EXPEDIENTE

de Carta-Consulta e Automaçãõ de Funcionamento da  
de (o) Escola Municipal de Educaçãõ Indígena Patãõ - Bu-  
cumuzã - Ensino Fundamental de 1ª à 4ª série.  
Município: Carmesia

Aprovaçãõ : - Lei Estadual nº : ..... de / /  
- Decreto Estadual nº : ..... de / /  
- Parecer CEE nº : 406 ..... de / /  
- Resolução SEE nº ..... de / /  
- Portaria SEE nº 263/1964 ..... de 23 / 06 / 197

Encaminhamento :

À SRE para a (s) providência (s) abaixo assinaladas :

- Conhecer as condições sob as quais foi aprovada a medida ;
- Prestar as devidas orientações, esclarecer e tomar as providências cabíveis ;
- Validar e ou convalidar os atos escolares, se for o caso ;
- Arquivar o processo ;
- Dar conhecimento aos interessados.

W Superintendencia Regional de Cosina  
Guanhães  
Recibido Pelo Melote  
Em 08 / 07 / 97  
P. B. B.

A DAP  
para ..... providências  
Em 08 / 07 / 97  
P. B. B.

DATA: 01/07/97

ASSINATURA: [Assinatura]

Portaria nº 1168/97

Fica renovada em 1997 a autorização para instalação de  
Furmas de Ens. Fundamental de 1ª a 4ª. as Es. Municipais  
Escola Mun. Indígena Patavó Bacumuxá

M.G. 31.07.97 pag. 3. col. 01

**PORTARIA Nº 1168/97**

De acordo com Resolução SEE nº 7473, publicada em 11 de abril de 1993 e 7671, publicada em 23 de abril de 1997, do artigo 1º e parágrafo 1º e 2º da Resolução TEB nº 226, publicada em 19 de janeiro de 1994, em conformidade com 1997, e autorização para instalação de furmas de Es. Municipais de 1ª a 4ª série, vinculadas às seguintes instituições:

Nome da Instituição	Endereço	Nº de Matrículas
1ª SEE de Guanhães	Av. Brasil, 1000 - Guanhães - MG	01
Escola Municipal de Ensino Fundamental	Av. Brasil, 1000 - Guanhães - MG	01
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSENO FUNDAMENTAL	Av. Brasil, 1000 - Guanhães - MG	01
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSENO FUNDAMENTAL	Av. Brasil, 1000 - Guanhães - MG	01
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSENO FUNDAMENTAL	Av. Brasil, 1000 - Guanhães - MG	01
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSENO FUNDAMENTAL	Av. Brasil, 1000 - Guanhães - MG	01
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSENO FUNDAMENTAL	Av. Brasil, 1000 - Guanhães - MG	01
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSENO FUNDAMENTAL	Av. Brasil, 1000 - Guanhães - MG	01
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSENO FUNDAMENTAL	Av. Brasil, 1000 - Guanhães - MG	01
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSENO FUNDAMENTAL	Av. Brasil, 1000 - Guanhães - MG	01

PARECER Nº 1.309/98

Autorização de funcionamento do Curso de Magistério  
de Ensino Fundamental para Professores Indígenas

MG: 18-11-98

Pág 03

Ed: 01



Parecer Nº 1.345/98

Autorização de mudança de criação da E.E.  
Indígena Pataxi Baenmuxa'

MG: 18-11-98

Pág 03

Ed: 01



Decreto nº 40.247 de 10.02.99  
Fica criada a Escola Estadual Indígena Pataxó  
Bacumaxó MG 11/02/99 Paa.01 Col.04

DECRETO Nº 40.247 DE 10 DE FEVEREIRO DE 1999

Cria unidade estadual de ensino.

O Governador do Estado de Minas Gerais, no uso de atribuição que lhe conferem os artigos 90, inciso VII, e 198, inciso VIII, da Constituição do Estado, e tendo em vista o disposto no Decreto nº 23.336, de 24 de janeiro de 1992, e no Parecer nº 1145, de 11 de novembro de 1998, do Conselho Estadual de Educação, publicado em 18 de novembro de 1998,

DECRETA:

Art. 1º - Fica criada a Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumaxó, do Ensino Fundamental, situada na Reserva Guarani - no Posto Indígena Guarani, Município de Carmópolis.

Art. 2º - A unidade escolar criada por este Decreto será autorizada a funcionar por ato da Secretaria de Estado da Educação, após comprovação de condições básicas materiais, de pessoal, regimento escolar e plano municipal.

Art. 3º - As despesas decorrentes deste Decreto correrão à conta de dotações orçamentárias próprias.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 18 de novembro de 1998.

Art. 5º - Retiram-se as disposições em contrário, publicadas no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em 10 de fevereiro de 1999.

ITAMAR FRANCO

Henrique Eduardo Parreira Corrêas  
Mário de Avelar Rangel





SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS  
SUPERINTENDÊNCIA EDUCACIONAL  
1ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO - GUANHÃES

## CERTIFICADO DE REGISTRO

O DIRETOR DA 1ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO DE GUANHÃES, conforme dispõe a Resolução SEE n.º 6900/91 de 24/10/1991, certifica que no livro de n.º 01 (um) às folhas 05 (cinco) sob o n.º 047 consta o registro do(a) Pré-Escolar da Escola Estadual Indígena Paixó Bacuruxá do município de Carnésia.

Guanhães, 01 de fevereiro de 2000.

Vilma Braga Pires  
Diretor II da 1ª SRE - Guanhães

OPRESSÃO

# Fazenda Guarani: prisão disfarçada em projeto



## Um campo de concentração indígena

Trabalhar durante todo o dia na lavoura, vigiados por guardas da Polícia Militar de Minas Gerais e por índios da Guarda Rural Indígena às vezes acorrentados e sem comer, e a noite dormis trancados em jaulas-celulas e sujeas celas. Eram essas as penas aplicadas aos índios confinados no Reformatório Agrícola Indígena, depois de sua criação, em janeiro de 1969, após a transformação do Posto Indígena Guaió Martière, ocupado pelos índios Krenak em área de exclusão.

Esse "campo de concentração" indígena chegou a abrigar cerca de 50 índios e afetou a vida dos Krenak que não haviam sido consultados quanto à transformação de suas terras em reformatório. Com o tempo, eles passaram de donos legítimos das terras, por posse imemorial, e por decreto estadual de 1920, a condição de confinados. Eram proibidos de sair das terras e por qualquer motivo sofriram agressões físicas e eram presos nas celas.

No mesmo tempo, a questão das terras se complicava sensivelmente. Dos 4 mil hectares que o decreto nº 5462 de 10/12/1920 estabelecia para o domínio dos Krenak somente 68 estavam sendo efetivamente ocupados pelos índios. O restante havia sido invadido por 50 grileiros diante da omissão do antigo SPI - Serviço de Proteção ao Índio. Depois de uma campanha desmascarada pelos passeiros junto ao governo, foi decretada a extinção da reserva indígena, culminando com a transferência dos Krenak e a situação das glebas aos grileiros.

Inicialmente, segundo os planos da Funai, o

PI Guaió Martière seria transferido para uma área no Parque Florestal do Rio Doce, mas um acordo entre a Funai e o governo do Estado definiu a transferência para a fazenda Guarani, área que antes havia sido utilizada na plantação de café e, pelo uso excessivo dessa monocultura se tornou inprodutiva, e para o treinamento anti-guerrilha da Polícia Militar de Minas. Entre dezembro de 72 e janeiro do ano seguinte, os índios foram levados para o novo PI de forma violenta. Alguns foram presos e algemados. Ao todo, foram 36 índios Krenak e 19 índios que ainda estavam na condição de "enclausurados" (o restante dos Krenak preferiu ser transferido para o PI Yanque (SP) ou fugir para as cidades vizinhas).

E, na Fazenda Guarani, aprumava o processo de descaracterização dos Krenak, que já estava em fase adiantada antes mesmo da transferência com a invasão dos grileiros. Para piorar a situação, a Funai transfere para lá mais 46 índios Guarani e 11 Tapiriquim, estes do Espírito Santo, que perderam suas terras para a multinacional Aracruz Celulose. Alguns anos mais tarde foram trazidos os Patxó, cujas terras na Bahia haviam sido ocupadas pelo IBDF.

A convivência forçada entre os índios portadores de cultura totalmente diferentes entre si e na condição de exilados, provocou sérias perturbações na identidade étnica de cada povo. Os Guarani, por exemplo, um povo profundamente mítico, abandonaram suas práticas religiosas enquanto permaneceram na Fazenda Guarani. Os Krenak passaram a se comunicar em português, apesar de ainda falarem sua língua.

eles mesmos que perguntam, para quê sustentar um projeto econômico em terras infértis?

Antes mesmo da parte da colheita os índios se haviam encontrado divididos alguns anos na criação da Funai, praticamente impossível de serem quitados. A própria Funai prometeu ainda 2,5 milhões de cruzeiros a serem aplicados em projetos agrícolas no segundo semestre deste ano, certamente, para tentar provar à opinião pública que a Fazenda Guarani tem condições de assegurar a sobrevivência dos índios, justificando a continuidade da área.

Em 1979, o CIMI Leste e o Grupo (Grupo de Estudos da Questão Indígena) denunciaram pela imprensa que a Funai ainda mantinha os índios em regime de reclusão na fazenda Guaió. A Funai recusou as acusações, taxadas de "falsas e absurdas". O antropólogo Rafael de Menezes Barros e o economista Marcos de Carvalho, ambos do DGPC, estiveram no local, então, para verificar a procedência das denúncias. Resultado,

em relatório enviado ao diretor do DGPC, os dois estados os afirmam, além de comprovarem a veracidade das acusações, que a Fazenda Guarani é "uma das áreas indígenas do País mais abaixo da empresa, nos pontos de vista indigenista, no particular, e humanista, no geral", mantendo, assim, a manutenção da fazenda como área indígena.

A criação da Fazenda Guarani, e a sua política manutenção acabaram criando, entretanto, um problema que a simples extinção da área não poderá resolver. Segundo a Regional Leste do Cimi, os índios estão sabendo que há planos para extinguir a fazenda e não estão dispostos a aceitar isso, já que seriam obrigados a retornar a suas áreas de origem, hoje diminuídas e pequenas demais para abrigar a todos. "As terras dos Há-há-hai e dos Krenak estão invadidas e não demarcadas e as dos Patxó na Bahia, apesar de demarcadas no ano passado, não têm condições de abrigar nem os que já estão dentro dela", explica o Cimi.

A Fazenda Guarani, em Resplendor (MG), continua existindo como colônia penal disfarçada em área indígena, apesar do governo já ter declarado oficialmente extinta a "Reserva Agrícola Indígena" que funcionava como "campo de concentração" para os índios que lá

viviam. Agora, a Funai está transferindo os beneficiários de transferência os índios Patxó, Há-há-hai e Tapiriquim. Os que já estão lá, como os Patxó, denunciam que vivem sob opressão e arbitrariedades cometidas pelo "órgão tutar", a pretensão de serem beneficiados por um dos mais contraditórios e ineficientes projetos agrícolas já planejados pelo governo em uma área indígena.

E até a Polícia Militar tem papel importante nesse esquema de repressão.

O destacamento de Carmésia recebeu autorização do delegado Carlos Grossi, da 1ª Delegacia Regional da Funai, para intervir na Fazenda Guarani sempre que algum índio ousar reclamar das precárias condições de sobrevivência oferecidas pelo órgão na fazenda, segundo denúncia do índio Manoel, dos Patxó.

Essa grave denúncia se comprovou com fatos, no mês de junho deste ano quatro policiais da PM de Carmésia espreitaram o índio Herculano, dos Há-há-hai, quebrando sua porta em dois lugares. O espancamento ocorreu dentro da fazenda Guarani, e foi assistido passivamente pelo técnico agrícola do órgão na área.

Depois, a secura e pragas, Herculano foi levado para o posto médico da cidade, sua porta foi engessada às pressas, mas o osso não se recuperou satisfatoriamente, por causa da má qualidade do atendimento.

Os objetivos da fazenda

"A Funai aplicou muito dinheiro na área, mas na terra só dá milho, feijão, e mandioca na beira dos córregos". A declaração é dos índios Patxó, grupo que compõe o total de 300 índios que vivem na Fazenda Guarani juntamente com os Há-há-hai e alguns Krenak. E são

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Congresso de Vitória

Class.: 265

Data: 29 de julho de 1984

Pg.: \_\_\_\_\_

**Congresso indígena exige fim de lutas por posse de terras**

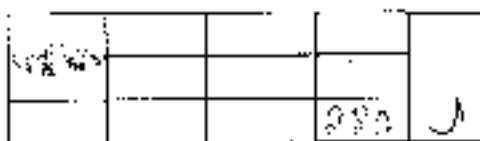
Belo Horizonte — Representantes das nações indígenas Pataxó, Maxacali, Xacriabá e Crenaque, integradas por cerca de 4 mil índios, apresentaram ontem, no encerramento do I Congresso Indígena de Minas Gerais, um documento no qual pedem, aos governos federal e estadual, desde a solução para os tradicionais conflitos com grileiros pela posse da terra, até o uso da força política, pela Funai, para impedir a venda de cachaca na reserva dos Xacriabás, por comerciantes do Norte de Minas.

Os pataxós pediram o reconhecimento da "Fazenda Guarani", de 6 mil hectares, no Município de Carmesina, onde vivem desde o início dos anos 70, como área de ocupação permanente e definitiva além da garantia de fornecimento gratuito de energia elétrica no local, pela Cemig. Para os maxacalis, do Vale do Mucuri, o mais importante é a unificação imediata das áreas de "água boa" e "Pradinho", "ilegalmente separadas por fazendeiros responsáveis pela morte de inúmeros índios".

Reivindicam ainda "que a Funai extinga, na cantina existente na área indígena, o uso indesejável e prejudicial do "dinheiro branco". Os xacriabás, habitantes do Norte de Minas, querem que, "em virtude da área apossada pelos índios estar demarcada há muito, ela seja homologada pelo presidente da República e registrada como patrimônio da União". Eles pedem também a introdução do ensino bilíngüe na área e de assistência médica, além do fornecimento de água.

Os crenques, que ocupam hoje apenas 2 por cento de sua reserva original (doada, em 1920, pelo presidente Arthur Bernardes), no Vale do Rio Doce, querem "que o governo de Minas e a Funai agilizem o processo declaratório de nulidade de títulos de propriedade incidentes na área, emitidos ilegalmente pela Ruralminas, em 1972, devolvendo a terra a seus legítimos possuidores".





# Templo da sabedoria

## Índios Pataxó projetam escola para resgatar os costumes, a cultura e as tradições

TAGIANA ARICE

**B**acumuxá. Em Pataxó a palavra significa "árvore da sabedoria". Em Carmésia, a 220 quilômetros de Belo Horizonte, é o nome de uma escola indígena que o secretário de Estado da Educação, Murilo Rêgo, inaugura hoje. Não é uma inauguração comum. Bacumuxá é mais do que um simples prédio escolar. Suas características especiais não se limitam a sua arquitetura peculiar, projetada pelos próprios índios. Os Pataxó pretendem transformar Bacumuxá num verdadeiro centro de reconstrução da cultura, religião e costumes do seu povo, perdidos nos 500 anos da história do Brasil.

Na prática, a Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá já existe há alguns anos. Funcionando em prédios improvisados. Assim como os Pataxó, os Krenak, Xakriabá e Maxakali, povos indígenas que vivem em Minas Gerais, também estão conquistando, aos poucos, o direito à educação diferenciada. O primeiro povo a conseguir um prédio escolar especial neste Estado para atender seus costumes foi o Maxakali. O projeto da escola para o povo Xakriabá já está quase pronto. Em seguida, será a vez do povo Krenak.

Os Pataxó não quiseram seguir a burocracia estatal. A escola não estaria sendo inaugurada hoje se eles não tivessem se organizado e construído via organização da comunidade. Dispostos a sair do prédio velho onde se acomodavam 6 professores e 107 alunos, recorreram à prefeitura de Carmésia, município sede da reserva indígena, a estabelecer um convênio com a Secretaria de Estado da Educa-



DESENHADO PELOS índios, o prédio foi construído através de uma parceria entre Estado e prefeitura de Carmésia

ção. Foi a prefeitura que se responsabilizou pela maior parte da construção da escola, inclusive a "tradução" do desenho do formato da escola, feito pelos índios, para um projeto de engenharia.

### Respeito

Os índios conseguiram, inclusive, o respeito às suas diferenças históricas. Em Carmésia, o povo Pataxó divide-se em duas aldeias, distantes a apenas um quilômetro uma da outra, mas com características próprias. Mesmo assim, apesar do número reduzido de alunos, prefeitura e Estado resolveram construir duas escolas. No prédio localizado na sede da Pataxó, o prédio central é cercado por seis

construções hexagonais, onde vão funcionar as salas de aula, sala de cultura e refeitório. Na escola da aldeia de Berrê, são oito construções hexagonais. Uma delas vai abrigar a biblioteca.

O teor final dos prédios ficou por conta das mãos hábeis indígenas, que se destacam pela produção do artesanato. Nas paredes, os pataxó pintaram figuras que lembram sua história. Originários do sul da Bahia, onde perderam espaço para as plantações de cana-de-açúcar e em decorrência de epidemias, ainda sentem falta do mar. Não é à-toa que que em suas pinturas sempre há espaço para um grande espelho d'água, circundado por coqueiros, onde o sol incandescente deixa sua marca.

## Lua cheia abençoa ritual de inauguração

Apesar de não ser tão nova, como rezam as tradições Pataxó, na aldeia de Berrê, a inauguração da escola será acompanhada por um rito em homenagem aos ancestrais e mostrar à toda a comunidade o valor da escola. "Jigera", explica Kamityo Pataxó, um dos professores da Bacumuxá. Além disso, também vão realizar o ritual da lua cheia, "porque para a gente a escola é muito importante e motivo de muita satisfação. A escola é uma ponte que liga nosso mundo ao mundo do homem branco", explica.

Em Bacumuxá, as crianças vão aprender "em primeiro lugar a viver em comunidade. Vão aprender como tratar os mais velhos e os demais membros da comunidade. Vão também aprender a língua. Na verdade, só duas línguas. A gente não sabe mais falar a língua, mas estamos fazendo de tudo para lembrar. E a gente acha que na escola a gente vai conseguir", conta Kamityo, entre risos e esperanças.

Depois, os índios passam a aprender o conteúdo das disciplinas tradicionais. "A gente só é formado para ensinar até a 4ª série. Depois disso, nossas crianças vão que ir para a cidade. Então, elas precisam saber o português, a Matemática, a Física e a Geografia. Mas a gente explica isso de nosso jeito", conta.

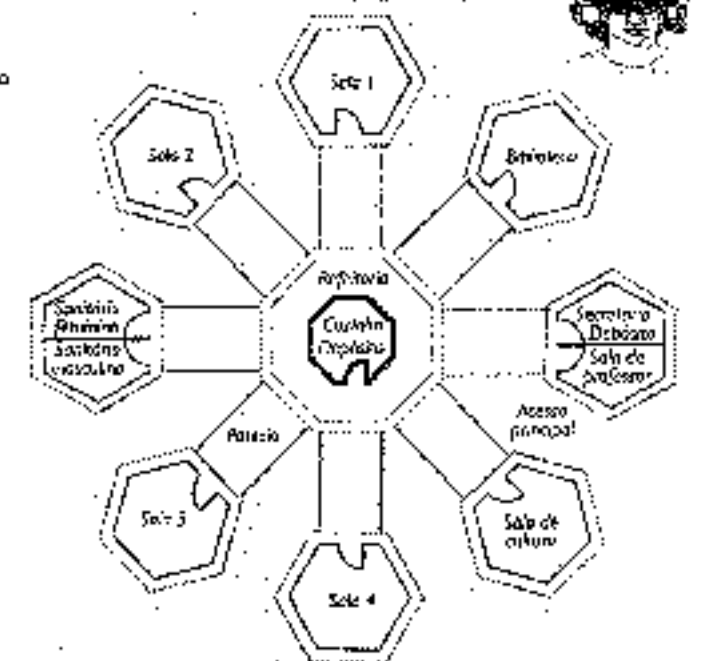
"Nós não temos material didático como a escola do homem branco. O maior livro que temos é o professor de cultura, nosso colega Mangará. É ele que ensina os conhecimentos antigos. Se uma criança sai para o mato buscar madeira para fazer um gotele, ela precisa saber a lua cheia e a lua nova, então a gamela vai rachar. A lua já aprendeu Ciências e Economia", diz o professor.

Sergio Kléber Gesteira, técnico do programa de Educação Indígena da SED, a construção de um prédio diferenciado é muito significativa para os Pataxó, assim como os demais povos indígenas. "A escola é uma instituição estrangeira para qualquer índio. Lentamente eles estão tomando conta dela, utilizando-a para recuperar um pouco da memória histórica, reconstruindo a cultura. Isso é tão importante para eles, que não quiseram uma escola nos padrões da construção tradicionais. Quiseram algo que tivesse a ver com o passado deles, ou com o que imaginam que seja seu passado".

É um planejamento minucioso os próprios índios reconheceram e agradeceram. "A gente ainda tem muita conquista pela frente. Queremos que nossas crianças tenham educação infantil e também da 1ª à 8ª série própria aldeia. Mas a gente é grato porque nos outros estados os índios não são tão respeitados", finaliza.

### Arquitetura de índio

Não basta ser escola, tem que fazer sentido na vida dos índios Pataxó. Por isso, a Escola Indígena Bacumuxá não se parece com as escolas construídas nas cidades. Foi desenhada pelos próprios índios, que resolveram imitar os antepassados. Houve um tempo que os índios Pataxó levavam toda a família para as expedições de caça. Para dormir, construíam uma grande cabana circular onde colocavam mulheres e crianças. Ao redor deste grande círculo, construíam pequenas cabanas. Assim protegiam sua prole. Mas, de que proveito o alimento da estância, as expedições de caça eram também momentos de aprendizagem onde os mais velhos ensinavam às crianças os costumes, a cultura, religião. Foi por isso que os índios resolveram adotar a mesma arquitetura para a escola. Não está depositada toda a esperança de resgate da identidade Pataxó.



## Termina a peregrinação das gestantes

FADIANA LEMOS

Como as constantes peregrinações em busca de maternidades e garantir às gestantes um parto seguro. Foi para esse objetivo que a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) avaliou, durante todo o ano passado, a qualidade

do atendimento às diversas maternidades matriculadas na SMS-BH. De 16 hospitais, cinco não atingiram a qualificação exigida e, desde o ano passado, tentam se ajustar às normas legais.

Falta de equipamentos, inexistência de plantão pediátrico ou de enfermagem 24 horas, in-

as altas de mortalidade e assistência inadequada ao parto foram alguns dos problemas encontrados pela Comissão Perinatal e pela Coordenação de Atenção à Criança da SMS. Para reverter o triste diagnóstico, no longo prazo o Projeto Gestal de Melhorar a Qualidade da Assistência Perinatal em Belo Horizonte. O programa prevê atendimento orientado às gestantes que utilizam a rede SUS. Por mês, são realizadas 2.100 partos na rede.

A capital mineira tem um alto índice de mortalidade neonatal (até os 28 dias de vida). Dados de 1997 indicam 17 óbitos por mil nascidos vivos. O número se tornou assistido quando comparado ao índice da mortalidade infantil do Chile (entre bebês de até um ano de idade) que é de 11 óbitos por mil nascidos vivos.

Também a mortalidade materna é elevada. Em 1997, foram 79,7 óbitos por 100 mil nascidos vivos. A Organização Mundial de Saúde considera aceitável até 20 óbitos maternos por 100 mil. "O fato é que grande parte das mortes é considerada evitável, quando são oferecidas condições adequadas de gestação além de um parto bem assistido", diz a pediatra e membro da Comissão

de Atenção à Criança Sônia Lansky.

A partir deste ano, o atendimento materno-infantil nos centros de saúde também será avaliado. A própria gestante deve utilizar de está recebendo assistência de nível de Sargentas. Sônia Lansky, a gestante deve preencher o cartão de saúde mais próximo de sua residência, onde receberá o cartão de pré-natal, um documento que registra toda a gravidez. Além disso, a futura mãe terá uma "bolsa gestante" com folhetos de orientação e a lista dos eventos a que terá direito.

Na frente de saúde são feitos os primeiros testes e uma avaliação do grau de risco da gestação. "Se a gravidez é considerada de alto risco, a equipe do centro de saúde atua, a Central de Monitoração de Gestantes, que irá agendar o pré-natal em uma das maternidades de referência para alto risco, onde a mulher será examinada e terá seu bebê", explica.

Os centros de saúde têm capacidade para realizar 70% dos partos de pré-natal. Quando a gestação evolui sem complicações, a parturiente é atendida no centro próximo a sua residência e para a realização dos exames de rotina, ela vai para a maternidade consultando com a guia para a realização dos exames de rotina no SUS.

### Parto seguro

Em busca do melhor atendimento materno-infantil, a SMS definiu os maternidades qualificadas para atender as gestantes:

- As gestantes serão encaminhadas:
  - Parto de risco habitual
  - Maternidade Odete Vahdes
  - Hospital das Cirurgias
  - Santa Casa
  - Hospital Osório Betreiros
  - Ela Kubitchek
  - Risco Habitual
  - Hospital Evangélico
  - Sofia Feldman
  - Mater Cónza
  - Felício Rocco
  - Dam Basso
  - Santa Lúcia
  - Não receberão gestantes por enquanto:
  - Rene Guimarães
  - Frederico Ozanan
  - Policlínica Rentschler AMH
- \*\* Está em processo de qualificação
- Descredenciado
  - Escola Cecília



PACIENTES RECEBERÃO assistência, até depois do parto



19 DE ABRIL

# Índio não festeja a data: protesta



Maioria dos índios, sem terras, vendeu artesanatos para conseguir alimentar suas famílias

## Dom Luciano: mensagem objetiva

Os representantes das nações indígenas reunidos em Belo Horizonte aproveitaram o Dia do Índio também para manifestar o seu carinho pelo arcebispo de Mariana e presidente do CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, que ainda se encontra no Pácio Cristo Rei, onde se recupera do acidente automobilístico que sofreu em fevereiro. Impossibilitado de receber os índios, dom Luciano enviou-lhes uma mensagem através do arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, dom Serafim Fernandes de Araújo.

Na mensagem, dom Luciano assegurou aos índios "não só do interesse, mas da comunidade de esforços por parte da Igreja no Brasil, para a promoção dos direitos das nações indígenas". Como membro da Igreja, o arcebispo afirmou que gostaria, ao lado de todas as outras instituições ligadas à causa indígena, de contribuir para que, "neste momento da vida e da história do Brasil, nós tivéssemos o pleno reconhecimento desses direitos, que são o direito à vida, à terra, ao trabalho, à cultura e, enfim, a tudo o que significa a riqueza e a identidade de uma Nação Indígena".

No final do encontro, os índios entregaram a dom Serafim um corar, um arco e uma machadinha, que doaram a dom Luciano com o pedido de que ele não se esqueça deles.

As preocupações manifestadas por dom Luciano, podem ser resumidas em uma única reivindicação: o cumprimento do que está escrito na Constituição brasileira, considerada pelo Cimi satisfatória, quanto aos direitos indígenas.

Entretanto, o coordenador do Cimi em Minas observa que, dois meses após a posse do novo governo federal, a situação dos índios ainda permanece indefinida. "Ao mesmo tempo que o ecologista José Lutemberger — pessoa compromissada com a causa indígena — assina a Secretaria do Meio Ambiente, a Funai continua sem presidente e com a possibilidade de vir a ser vinculada ao Ministério da Justiça. Se isso acontecer será o caos", afirma Luiz Lobo, lembrando que o atual ministro da pasta, Bernardo Cabral, foi um dos grandes defensores na Constituinte, dos interesses dos fazendeiros e dos mercadores, que são os que mais prejudicam os povos indígenas.

Embora dizendo-se apreensiva diante do futuro que aguarda os índios brasileiros, a historiadora Geralda Soares, do Centro de Documentação Heleli Ferreira da Silva, que já viveu de perto os problemas e a luta dos tribos para se manterem, prefere aproveitar o 19 de abril para renovar as suas esperanças na causa indígena. A historiadora que morou durante sete anos com os Maxakali e agora está preparando o lançamento de um livro sobre a história dos Krenak, afirma que esses últimos já foram até mesmo considerados extintos e ainda estão aí. "Isso nos faz pensar que a luta dos índios irá possibilitar que eles ainda existam daqui a vários anos. A resistência desses povos, aliás, é a esperança que motiva o meu trabalho", afirma.



Das tribos dos Krenak e Pataxó sobrevivem poucos indígenas



Historiadora Geralda Soares ainda acredita numa solução



Jornalistas, ecologistas e políticos defendem as raças

Mesmo assegurados seus direitos na Constituição de 1988, esses povos continuam marginalizados

Vínia Queiroz (texto)

Mary Lane (fotos)

Sem ter o que comemorar, os índios brasileiros aproveitaram o seu dia, 19 de abril, para denunciar e protestar, em vários estados, contra o descaso das autoridades em relação aos povos indígenas. É que, apesar de terem os direitos básicos assegurados pela Constituição de 1988, eles continuam ameaçados de desaparecer, em todo o país, por falta de ter-

ra, condições de trabalho e assistência à saúde. A situação torna-se ainda mais grave diante da omissão do atual governo — que havia prometido prioridade à questão indígena — que até agora ainda não tomou nenhuma medida concreta para garantir a cidadania aos índios, e ninguém sabe dizer, ao certo, quais são os seus planos nesse sentido.

Para discutir a política indigenista do governo Collor e outros temas, cerca de 150 representantes de 30 povos indígenas participaram de 16 a 19 de abril, em Manaus, da II Assembleia Geral das Organizações Indígenas da Amazônia, promovida pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab). Durante o encontro, que vinha sendo preparado desde abril do ano passado, além de avaliar o trabalho da Coaiab, nesse primeiro ano de existência, os participantes traçaram planos para a atuação do movimento indígena na Amazônia no próximo ano. Estiveram presentes no encontro, entre outras, a Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (Foirn), o Conselho Geral da Tribo Tikuna (CGTT), o Conselho Indígena de Roraima (CIR) e a União das Nações Indígenas (UNI), do Amazonas, Acre e Trilé.

De 250 mil índios que habitam o território brasileiro, 60% vivem atualmente na Amazônia, onde enfrentam problemas diversos, entre eles, doenças como sarampo, gripe, tuberculose e malária levadas pelos garimpeiros, principais invasores da região. O maior exemplo de destruição progressiva dos povos indígenas no Norte do Brasil, já bastante denunciado pela imprensa, é o que está acontecendo com os Yanomami.

O drama desse povo começou em 1970, com a construção da Rodovia Perimetral Norte (BR-210), que abriu caminho para o avanço das empreiteiras, dos peões e dos garimpeiros. A partir de então, os Yanomami passaram a ser submetidos a um violento processo de invasão de suas terras, de sua cultura, acompanhado pela devastação da natureza.

Apesar dos protestos nacionais e internacionais, o processo

de destruição dos índios não foi interrompido nos últimos 20 anos. Dados do antigo Ministério da Ciência e Tecnologia indicavam que, no ano passado, os grupos econômicos de mineração detinham, na Amazônia, uma área bloqueada de nada menos que 1,3 milhões de quilômetros quadrados, correspondentes a 30% de toda a área requerida para a mineração no Brasil. Um ano antes, em 1988, o próprio presidente José Sarney havia reconhecido a existência, em território Yanomami, de cerca de 45 mil garimpeiros, enquanto entregava o governo do Estado de Roraima a Romero Jucá, ex-presidente da Funai, homem de confiança das mineradoras e dos empresários do garimpo.

Mas o descaso com os índios não parou aí. Em fevereiro deste ano, o presidente Sarney assinou 19 decretos que dividem a área contínua dos Yanomami em 19 parcelas. Esses decretos — de acordo com o Movimento pela Cidadania — reduzem o território indígena em 70%, com relação às terras permanentemente ocupadas pelos índios. Além da redução, o que sobrou foi retalhado em 19 "ilhas", totalmente inadequadas para a sobrevivência desse povo.

Com isso, ficou cortado o acesso dos Yanomami a áreas mais extensas, de que precisam para a caça, a pesca e para os seus deslocamentos periódicos, necessários à regeneração ecológica de suas terras. Ainda segundo os levantamentos do Movimento de Ação pela Cidadania, a violência, praticada contra os índios no Norte do Brasil, já reduziu em 15% a população Yanomami, anteriormente constituída por cerca de 10 mil pessoas.

"Os Yanomami, entretanto, são apenas um paradigma", afirma dom Erwin Krautler, bispo da Prelazia do Xingu e presidente do

Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Segundo ele, o que sucede com esses povos acontece, em menor escala, também nos outros povos indígenas do Brasil.

A ausência de dom Krautler pôde ser largamente compensada em Belo Horizonte, durante a semana que antecedeu o Dia do Índio. Representantes das tribos Krenak e Pataxó aproveitaram a data para reunirem-se com artistas, entidades ecológicas e partidos políticos para solicitar o seu apoio para a criação de um núcleo do Movimento de Ação pela Cidadania em Minas Gerais.

Esse núcleo, cuja atuação seria especificamente junto às quatro nações que habitam o território mineiro, teria a finalidade de tentar resgatar a cidadania dos índios, a partir das denúncias dos abusos cometidos contra a sua cultura, organização, religião e do desenvolvimento de projetos de agricultura e produção rural, que permitam a auto-sustentação das nações.

De acordo com o coordenador do Cimi em Minas, Luiz Lobo, que acompanhou os índios em suas reuniões em Belo Horizonte, a idéia foi bem aceita nos setores onde foi apresentada. Por isso, o objetivo agora é "fazer com que ela seja abraçada também por outros setores da sociedade, que precisem ser alertados para a causa indígena". Para conseguir atingir esse propósito, uma nova reunião entre as entidades ecológicas, os partidos políticos, os artistas, o Cimi e os índios, juntamente com algum representante da Secretaria Nacional do Movimento de Ação pela Cidadania deverá acontecer, provavelmente em maio, quando será elaborado o primeiro projeto para atuação do núcleo no Estado, a partir da realidade dos índios daqui.

## Minas: de 100 nações só restam quatro

Minas Gerais — que já foi habitada por mais de cem povos indígenas — possui atualmente em seu território somente quatro nações: Krenak, Maxakali, Xakriabá e Pataxó, localizados respectivamente nos municípios de Resplendor, Berópis, Itacarambi e Carmésia. Assim como acontece hoje com os Yanomami, a ocupação de Minas pelas frentes extrativistas, mineradoras e agropecuária foi com tamanha violência que resultou no extermínio quase total dos povos indígenas, que hoje somam no Estado um total aproximado de apenas 5.300 índios.

A sobrevivência dos que restaram, porém, continua sendo dificultada pela falta de terra para o cultivo, pela poluição dos rios, pela falta de assistência à saúde, perseguição de fazendeiros e o descaso das au-

toridades.

Durante o encontro com as entidades ecológicas em Belo Horizonte, na véspera do Dia do Índio, o líder dos Krenak, Valdemar, 30 anos, conhecido na tribo como Txo-Txo, lembrou que os Krenak sobrevivem atualmente em uma área de 126 hectares, sendo a maioria morro, que, além de dificultar o plantio, impossibilita o acesso dos índios à caça e à pesca. Ressaltando que tem orgulho por ser índio, Valdemar afirmou que os "índios não têm nenhum motivo para comemorar o seu dia com alegria".

Já o índio Kanaitó, dos Pataxó, revelou que quando os índios estão retidos em sua nação, eles comemoram muito o seu dia. Embora saibam que o mais importante é aproveitar a data instituída pelo branco, para denunciar os abusos que so-

fram e reivindicar o cumprimento dos seus direitos.

Esse, aliás, foi um dos motivos que justificou a vinda dos representantes indígenas a Belo Horizonte. Na ocasião eles aproveitaram para denunciar, principalmente, os abusos cometidos contra os Maxakali. Os representantes dessa nação foram impedidos de participar da reunião dos índios pela criação do Movimento de Ação pela Cidadania em Minas, porque os fazendeiros cercaram a estrada da saída da região. Além disso, a casa das duas religiosas que vivem no local, há cerca de 8 anos, foi cercada por dois pistoleiros, sendo apedrejada durante a noite de 18 de abril. Para evitar maiores atitudes, as religiosas resolveram deixar a região até que sejam tomadas providências para garantir a sua segurança no local.

## Onde vivem os povos indígenas

Em Minas Gerais, a população indígena de menos de seis mil pessoas das quatro nações — Krenak, Pataxó, Maxakali e Xakriabá — vive às voltas com problemas de saúde, perseguições de fazendeiros e grileiros e o descaso das autoridades.

**Krenak** — Remanescentes dos antigos Botocudos, os 150 Krenak vivem em uma reserva doada em 1920 pelo governador Arthur Bernardes. Seus problemas começaram em 1958, quando foram obrigados a se transferir para a área dos Maxakali, expulsos pela expansão agropecuária e pela mineração. Voltaram três anos depois e, em 1972, foram novamente transferi-

dos, desta vez para a Fazenda Guarani, no Vale do Aço. Em maio de 1980, eles voltaram outra vez para Resplendor, onde lutam pela posse de seu território.

**Maxakali** — O território onde viviam, até o início do século XX, abrangia uma vasta região entre os Estados da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais. Hoje, os 600 índios Maxakali estão em uma reserva de 3.133 hectares no município de Berópis, no Vale do Murcuri, demarcada pelo governo federal em 1940 (Agua Boa) e em 1955 (Pradinho). Essas duas áreas são separadas por fazendas de criação de gado, cujos proprietários representam uma constante ameaça à

integridade

**Pataxó** — Originários do Sui da Bahia, de onde foram expulsos na década de 50, os Pataxó se dispersaram e parte deles foi para a reserva de Carmésia, a Fazenda Guarani, no Vale do Aço, em 1972, depois de uma questão não resolvida com o IBDF.

**Xakriabá** — São 4.600 índios, a maior população indígena do Estado. Vivem em uma área de 43 mil hectares, no município de Itacarambi, no Norte de Minas. Desde a década de 60, os Xakriabá vêem suas terras ameaçadas, pela ação de fazendeiros da região e de posseiros que reivindicam direitos em parte do território.



# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Comércio (M.G.) Class.: 264

Data: 28 de julho de 1984 Pg.: \_\_\_\_\_

### 190 Índios entregam documento reivindicando seus direitos

Representantes das nações indígenas pataxó, mawacali, sakriabá e krenak, presentes no I Encontro Indígena de Minas Gerais, que se encerrou ontem na Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado (Fetarem), entregaram um documento, contendo suas principais reivindicações, ao chefe de gabinete da Fundação Nacional do Índio (Funai), Marcos Terena, e ao secretário do Trabalho e Ação Social de Minas, Rômulo Tito.

As nações indígenas esperam, segundo o documento, que suas reivindicações sejam atendidas pelos governos da União e do Estado de Minas Gerais, através da Funai, Secretaria do Trabalho e Ação Social, Fundação Rural Mineira (Ruralminas), Secretaria de Segurança Pública e Poder Judiciário.

A tribo pataxó deseja que a Funai reconheça a Fazenda Guarani, situada no município de Carmésia, como área de ocupação definitiva e permanente da comunidade indígena do grupo.

Pede também que seja efetivado pela Companhia Elétrica de Minas Gerais (Cemig) o pagamento de indenização na forma de um traço e de garantia de fornecimento gratuito de energia elétrica para a comunidade, pelo serviço de passagem de rede elétrica que atravessará a área indígena. Além disso, os pataxó solicitam que a Funai elabore e apresente, após ouvir a comunidade, projetos de apoio econômico.

Entre as reivindicações dos mawacalis estão o levantamento etno-histórico da comunidade para comprovação dos limites da área de seu território e o levantamento topográfico da área que consideram sua, mas que está tomada por pastores e grileiros. Os mawacalis, que residem no município de Santa Helena, no Vale do São Francisco, desejam que os estudos sejam feitos pela Ruralminas, Funai e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Eles também reivindicam que a Secretaria de Segurança Pública do Estado apure o assassinato de índios na região.

Os sakriabás pedem que as suas terras no município de Itacarambi, no Vale do São Francisco, sejam regularizadas pelo poder público. Além disso, solicitam que seja afastado o problema da falta d'água nas comunidades; que a Funai dê infra-estrutura para o desenvolvimento da produção agrícola; e que promova a assistência médica e educacional bilingüe na área.

A "nulidade dos títulos de propriedades emiridos ilegalmente pela Ruralminas, viabilizando a entrega livre e desembarcada das terras dos índios krenaks", que residem no município de Raposo, no Vale do Rio Doce, é a principal reivindicação desta comunidade indígena. Os krenaks também pedem que a Funai forneça equipamentos e sementes para o desenvolvimento de suas atividades agrícolas. Eles desejam ainda que o órgão assumisse seu dever de assistência de saúde e educação bilingüe para toda a comunidade.



## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Diário de Minas*

Class.:

Data: *06.04.91*

Pg.:

### Índios Pataxós não podem ser esquecidos

Jota FLORES

*Para atender a imposição de lei, o vereador Ronaldo Freitas (PT), da cidade mineira de Carmésia, acaba de providenciar o novo registro dos Estatutos da Associação Ecológica de Defesa do Meio Ambiente Carmesiana (AEDAC), a fim de que possa prestar maiores serviços à proteção, preservação e sobrevivência naquela cidade do Sul mineiro, de toda a tribo de índios Pataxós, ocupantes de uma reserva de 1.100 hectares, onde se localiza a Aldeia Imbiruçu, na Fazenda Guarani.*

Em entrevista ao CEDI, o vereador Ronaldo Freitas explicou que "agora a Associação Ecológica de Defesa do Ambiente Carmesiana (AEDAC) está em melhores condições para prestar auxílio técnico às autoridades federais, estaduais e do próprio município de Carmésia. Ele se interessa, com especial atenção, ao auxílio que a tribo Pataxós tem reclamado. A partir da atualização dos Estatutos da AEDAC a cidade terá, com a ajuda de aproximadamente 200 famílias, poderá sofrer do Poder Público proteção mais direta para a sua modesta subsistência, especialmente com relação ao recebimento de insunhos para a sua principal atividade, que é a lavoura.

O vereador Ronaldo Freitas

informou que os Pataxós de Carmésia são disciplinados, cumprem a tradição de sua cultura e prezam a preservação do patrimônio da comunidade em relação à degradação ambiental da civilização. Explicou ainda que o Cacique Mangangi é sempre bem preservado as tradições, inclusive da linguagem indígena, que usa o Tipi-Guarani para se entenderem.

Os índios Pataxós de Carmésia, explica o vereador Ronaldo, mantêm suas proximidades com as crianças da tribo, levando-as estudar em escolas públicas próximas à reserva, por isso necessitam sempre de material escolar, livros, cadernos, lápis e outros objetos didáticos. A despeito de serem instruídos fora do tribo, as crianças participam das festas e rituais de sua vida, a fim de poderem manter o espírito de legitimidade, facilmente perdido quando as índias entram em contato com pessoas fora de seus costumes.

Os adultos da Tribo Pataxós vivem do trabalho intenso de plantação, sendo especialidade a cultura de mandioca, milho, feijão, leguminosas e diversas frutas. A colheita é feita e comercializada para a manutenção das famílias, que vivem ainda em estado miserável, sem a devida assistência que bem mereceriam, conforme afirma o vereador Ronaldo Freitas.

Através da AEDAC, diz o seu presidente e vereador, será possível pleitear ajuda maior, inclusive de verbas em dinheiro, para a compra de máquinas e ferramentas agrícolas e meios de transporte para trazer a terra.



Vereador Ronaldo Freitas firma a favor dos Pataxós (Carmésia)

A partir do momento em que a Associação Ecológica de Defesa do Meio Ambiente Carmesiana estiver devidamente documentada, serão requeridas todos os benefícios possíveis, inclusive de recebimento de cestas básicas, colchonetes, colchões e das sementes e mudas para plantar, além de se pedir requerer do Governo do Estado de Minas Gerais, através da Secretaria da Agricultura, a concessão de terrenos agrícolas na Aldeia Imbiruçu para orientar os índios no trabalho de preparo da terra.

O vereador Ronaldo Freitas informou ao CEDI que dentro em breve voltará a Belo Horizonte, quando manterá contatos com o Gabinete do deputado estadual Geraldo da Costa Pereira, que prontamente se dispõe a participar do empreito no sentido de ajudar a tribo indígena dos Pataxós de Carmésia.

O deputado Geraldo da Costa Pereira, segundo apurou a reportagem, já se antecipou às providências da AEDAC, colocando toda sua assessoria à disposição da Entidade e dos índios. Manifestou, ainda, a parlamen-

tar que vai solicitar nos órgãos ligados ao setor agrícola do Estado de Minas Gerais ajuda imediata aos índios Pataxós de Carmésia. Para tanto, ofícios serão encaminhados a diversas repartições públicas, como a FUNAI, IEP, DNPM, COPAM, IBAMA, ANDA, Polícia Militar e Secretaria de Estado da Agricultura para reivindicar participação a favor das 200 famílias de índios, praticamente deixadas em abandono, passando dificuldades e sofrendo da indiferença da sociedade, na opinião do vereador Ronaldo Freitas.

Disse o vereador que está trabalhando no sentido de sensibilizar as autoridades com relação à preservação do Rio do Peixe, que não pode "morrer" por falta de saneamento. E afirmou:

"Venho lutando há quatro anos pela preservação do Rio do Peixe e não me canso de pedir e de fazer público o meu protesto e de outros companheiros da Câmara Municipal de Carmésia, que reclamam providências para que o importante rio não seja mais com a poluição e a depredação do meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

Santos, Iran Vieira dos. **José Sales: biografia de uma liderança Pataxó**. 2020. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Formação Intercultural para Educadores Indígenas – Licenciatura em Línguas, Arte e Literatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

**Terras Indígenas do Brasil, ISA (Instituto Socioambiental)** 2022. Site ISA sobre terras indígenas. Disponível em: <[https:// www.socioambiental.org](https://www.socioambiental.org)>. Acesso em: 25 set. 2022.

**TSE**, 2022. Site do Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/>>. Acesso em: 25 set. 2022.